

O



ou

OS HORRORES DO TRAFICO DA ESCRAVATURA.

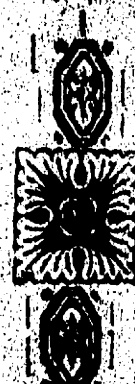
MELODRAMA EM 3 ACTOS

Peça maritima e semi-historica ; representada,
pela primeira vez, no theatro da Para-
hyba do Norte, no dia 5 de
setembro de 1841,

COMPOSIÇÃO

DE

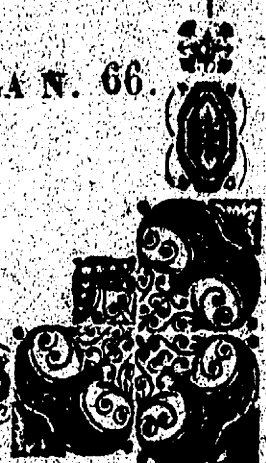
JOÃO JULIÃO FEDERADO GONNET.



RIO DE JANEIRO

Typ. DE SANTATHEREZA, DE L. A. N. DE ANDRADE. RUA D'ALFANDEGA N. 66.

1851.





O

MARUJO VERDE

OU

OS HORRORES DO TRAFICO DA ESCRAVATURA.

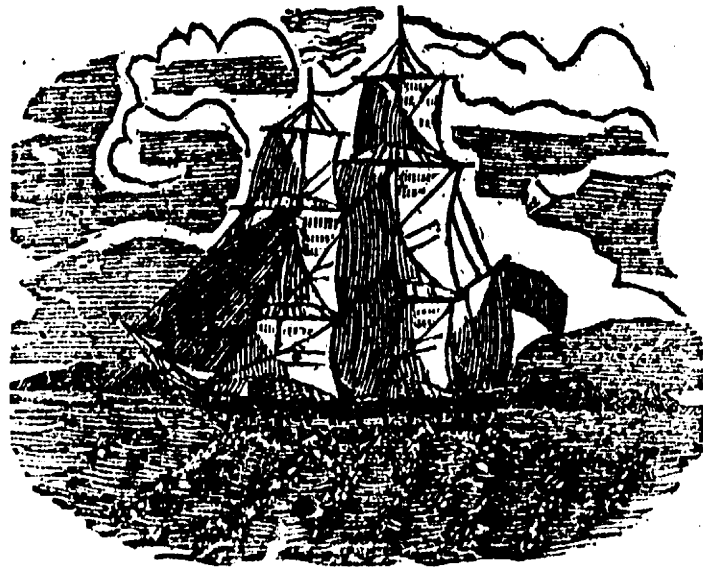
MELODRAMA EM 3 ACTOS

Peça maritima e semi-historica; representada, pela primeira vez, no theatro da Parahyba do Norte, no dia 5 de setembro de 1841,

COMPOSIÇÃO

DE

JOÃO JULIÃO FEDERADO GONNET.



RIO DE JANEIRO

TYP. DE SANTA THEREZA, DE L. A. N. DE ANDRADE. RUA D'ALFANDEGA 66.

1851.



15.844
1953.

1.543.346AA
09/05/2018

PERSONAGENS.**ACTORES.**

ALFREDO. *Brasileiro, estudante de Coimbra.*
DORMUNDO. *Negociante de Lisboa.*
JULIA. *Filha de Dormundo, amante de Alfredo.*
DAHOMÉ. *Rei da Guinéa meridional.*
COREB. *Principe, irmão de Dahomé.*
ABDAGO'. *Confidente de Coreb.*
D. BARBARO. *Capitão hespanhol.*
CARRANCO. *Contra-mestre.*
FERRUJO. *Mestre calafate.*
PIMENTÃO. *Cozinheiro do brigue.*
THOMÁS. *Marujo portuguez.*
OFFICIAL *da corveta ingleza.*
NEGROS, *selvagens.*
SOLDADOS INGLEZES, *da corveta.*
MARUJOS.

ADVERTENCIA.

A scena é n'uma praia deserta da Guinéa meridional, no primeiro acto; na pequena cidade de Loango, isto é, nos arrebalde, em lugar de contrabando, no segundo; e em fim, a bordo do brigue hespanhol, no terceiro.

A direita e esquerda são tomadas pela direita e esquerda do actor em scena; as passas marcadas assim. (P).

MARUJO VIRTUOSO.

(Nota do author). Os principaes acontecimentos deste drama são historicos , tendo sido colhidos das narrações de diversos traficantes de escravos, e compilados para o arranjo da scena. Evitei porém com o mais esculpulo cuidado, toda sorte de personalidade.

J. J. F. Gonnet.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa uma praia deserta; no fundo, o mar agitado em procellas; aos lados, bosques. Está trovejando, e relampejando. Na esquerda baixa, o tronco de uma arvore derrubada.

SCENA I.

ALFREDO, JULIA, e depois DORMUNDO.

Depois de um momento deste horrivel espectaculo, aparece Alfredo nadando no meio das ondas, e sustentando pelos cabellos uma mulher, que se esforça de levantar acima. Elle chega na praia na D. F. trazendo nos braços o corpo de Julia desmaiada, que depõe no meio do theatro.

ALFREDO (de joelhos).

Meu Deus! mil graças te sejam dadas!... Ainda respire!... porém... esta infeliz!.. (com amargura). Já expirou! ... (Elle a contempla, e de joelhos ainda, levanta-lhe um pouco a cabeça). Eis pois o que fica da encantadora Julia!.... Este rosto de que as vivas côres, ha pouco ainda excedião as da aurora; pallido, macilento, attesta que apesar dos meus esforços, a cruel morte já apossou-se desta tão mimosa presa.... Estes olhos, de que, ha poucos momentos ainda, a doçura e a vivacidade accendião em meu peito uma chama, que parecia-me se não poder jamais extinguir; estes olhos, tão formosos e tão bellos, a implacavel morte feichou-os para sempre.... Julia! Julia! uma horrenda lividez tem tomado o lugar deste carmim encantador com que amor pintava teus labios, semelhantes á rosa da madrugada, e que só devião

murchar os castos beijos de hymenô. Teu terno coração que nunca palpitou senão pela virtude, e pelo amor filial.... deixou para sempre de bater.... Tua alma emfim, ornada de tantas virtudes, cessando de animar a sua angelica morada, tornou para o seio do seu creador.... E eu.... ai de mim!.... ainda vivo; ainda tenho talvez muitos dias a arrastar-me neste valle de lagrimas. (*Assenta-se, e a recosta ao peito*). Querido objecto! (*Elle estremece*). Deus!.... Será illusão?!.... pareceu-me sentir, (*põe-lhe a mão sobre o coração*). Sim, o seu coração ainda bate.... Ella não está ainda morta!.... (*Depõe-a na areia, e levanta-se*). Meu Deus! Como ha de ser?!.... O meu halito!.... (*Torna a abaixar-se, e vai para chegar os labios aos de Julia, mas para de repente como terrorisado, e se torna a levantar*). Que vás fazer, temerario?!.... Que! tu Alfredo!.... profanar?!.... Oh! não, não.... Virtuosa joven, restituir-te-hei pura á tua familia, ou pura has de subir á celeste morada. (*Com desespero*). Porém, quero socorrêl-a.... e como?.... procuremos neste deserto. (*Elle vai-se, E. C.*)

(*Um instante depois, Julia dá alguns signaes de vida.... Ella assenta-se com penivel esforço*).

JULIA (*apoiada em uma mão, e olhando a redor de si*)

Onde estou eu?!.... Que horrivel sonho!.... Onde está meu pai?.... Ai de mim!.... Ninguem me responde senão os horrendos bramidos do mar.... Estou só e abandonada!.... Meu Deus!.... Meu Deus!.... (*Ella torna a cahir*).

ALFREDO (*aparece mui triste, E. F.*)

Meu Deus! nada achei!.... e a infeliz.... (*elle vai para Julia, que ouvindo seus passos, levanta a cabeça*).

JULIA (*com transporte*).

Alfredo! ..

ALFREDO (*cahindo de joelhos*).

Julia!.... minha Julia!.... ainda respiraes?!....

JULIA.

Sim.... Porém, dizci-me Alfredo, que é feito de nosso navio?.... Nossos companheiros?.... Meu pai, Alfredo, meu pai?!....

ALFREDO (*dolorosamente*).

Vosso pai?!.... Ah!.... (*Elle desvia o rosto*).

JULIA.

Vós suspiraes, Alfredo, desviaes de mim os tristes olhos, para que não veja vossas lagrimas.... Ah! já o adivinho, meu pai tem sido a presa das ondas. (*Chora*). Ah! meu Deus! meu Deus! que ha de ser de mim infeliz?!.... Só no mundo, sem amparo, lançada sem esperança alguma sobre esta horrivel praia!....

ALFREDO.

Só no mundo! Sem amparo! dizeis vós!?!.... Oh! Julia, isto é desconhecer os vossos altos merecimentos, e fazer pouco apreço da minha sensibilidade. Quando uma commum desgraça não bastasse para me ligar a vós; um sentimento muito mais nobre, e mais forte, que se apoderou de mim, logo no primeiro instante em que vos vi em Lisboa, antes do nosso fatal embarque; sentimento que meus olhares respeitosos não terão deixado de revelar-vos mil vezes, não me permite mais abandonar-vos. As ondas do Oceano vos lançarão nos meus braços; não haveis de sahir delles, senão feliz, livre, e.... pura.... pura.... Sim, Julia pura; pois este sentimento que não posso definir, este sentimento, que entre o ruido horrivel das vagas e dos trovões, no meio dos horrores de um horrendo naufragio, me tem feito esquecer, fortuna, parentes, amigos, patria, e até a propria existencia, para me não lembrar senão de um unico objecto, como hei de chamal-o?!.... Ah! E' porque minha fortuna, meus parentes, meus amigos, minha patria, minha existencia emfim, tudo estava concentrado em um unico objecto; em vós Julia. E' porque eu vos amava quando rica e adornada de tudo quanto podia captivar os sentidos; é porque eu vos adoro ainda mais agora, que, desditosa, não tendes no mundo, outro amparo senão o meu.... Julia!.... en vos amo.

JULIA.

Fallaes-me de amor, Alfredo, neste momento! quando meu pai lotta talvez entre estes rochedos, contra as agonias de uma morte cruel!.... Ah! se me amaes, como acabaes de o protestar, ajudai-me. (*Ella faz um esforço para erguer-se*). Ajudai-me; quero ir procurar o corpo do infeliz autor dos meus dias, quero soccorrêl-o se ainda fôr tempo; senão, quero feixar-lhe os olhos,

ou, pelo menos, cavar-lhe a sepultura nestas arcias selvagens, render-lhe os últimos deveres.

ALFREDO (*depois de ajudal-a a levantar-se*).

Se vos fallei de meu amor, podeis estar certa, Julia, que este amor puro e respeitoso, de hora avante, fará de Alfredo o vosso melhor amigo, todos os vossos desejos, para elle serão ordens sagradas. Vamos pois procurar vosso respeitavel pai, (*elles vão caminhando vagarosamente para o fundo, quando Alfredo avista alguma cousa na praia*). Parece-me avistar alguns objectos de nosso navio, que o mar tem lançado na praia; assentai-vos aqui por um momento, querida Julia, vou ver o que é. (*Julia assenta-se, Alfredo desaparece, E. F.*).

JULIA (*Só*).

Oh! meu Deus; quão ephemera é a felicidade do mundo!... Ha tão poucos dias ainda, que junta de meu bom pai, habitava em salões dourados; e agora acho-me só com um estranho, (se assim posso chamar aquelle que tem sabido ganhar meu coração) só, digo, com elle, n'uma plaga que me parece deserta.... Em lugar desses harmoniosos concertos, não ouço senão o horrivel bramido das ondas, no meio do qual, parece-me ouvir os gemidos dolorosos de meu pai agonisante. Oh! meu pai!.... Oh! minhas alegres companheiras! Margens encantadoras do Téjo, nunca vos hei de tornar a vêr. (*Volta Alfredo rolando um barrilêto, e carregando um garrafão*).

ALFREDO.

A providencia vem em nosso soccorro, minha querida Julia; achei na praia este pequeno barril, que contém mais de uma arroba de biscoito; e este garrafão cheio de vinho do Porto... se quereis restaurar-vos?....

JULIA.

Não, Alfredo.... Ajudai-me antes, e vamos procurar meu pai.

ALFREDO.

Estacs tão abatida.... e estes rochedos são tão escabrosos!.... Ficai aqui, e se eu fôr feliz, virei chamar-vos... Porém, sinto-me tão fraco... permitti que... (*Elle toma um seixo, arromba o barril, tira um biscoito, o quebra, e offe-*

rece á Julia um pedaço, que ella toma, leva lentamente á bocca, e vai mastigando sem appetite. Alfredo devora o seu, e destapando o garrafão). Não quereis, Julia?....

JULIA.

Não.... Nas vossas indagações, se achardes agua?....

ALFREDO (*Depois de beber*).

Sim.... Ah!.... Sinto-me reanimado!.... Até logo. (*Vai-se pela D. F.*).

JULIA (*Só*).

Pobre mancebo! quanto me ama!.... Eu... tambem sinto por elle.... um sentimento que não posso definir.... Se isto é amor, muito se parece com o que tenho sempre ressentido por meu bom pai. (*Olhando ao redor de si*). Que horrendo pai!.... Elle não póde ser habitado senão por barbaros selvagens, ou por animaes ferozes!.... Quando vier a noite, como havemos de escapar! Cruel alternativa!.... (*Volta Alfredo pela D. F. carregando o corpo de Dormundo, elle avança com passos tremulos, e deposita o corpo, com geito, na esquerda frente da scena, meio recostado ao tronco da arvore*).

JULIA (*Lançando-se para o pai*).

Meu pai!.... (*Desfaz-se em lagrimas*).

ALFREDO.

Julia, minha querida Julia, moderai vossos transportes!

JULIA (*Com desesperação*).

Elle já morreu!....

ALFREDO.

Talvez não esteja senão desmaiado, pois que o destroço do mastro grande, sobre o qual, parece-me que se procurou salvar, aportou na costa n'um lugar sem rochedos, e seus passos imprimidos de fresco na areia, desde a margem do mar, até o lugar onde o achei, annuncião que lá succumbira, talvez exaurido de cansasso e inanição.... Vejamos.... (*Elle applica o ouvido no peito do velho, e Julia chega os olhos perto da bocca aberta de seu pai*).

JULIA (*Com alegria*).

Oh! Alfredo!... parece-me sentir um resto de respiração! Oh! meu Deus!... (*Ella cahe de joelhos com as mãos juntas*).

ALFREDO.

E eu tambem, parece-me sentir leves e compassadas palpitações. Meu Deus! que fazer? (*depois de um instante de reflexão*). Ah!... (*Elle pucha o lenço da algibeira, exprime a agua salgada que contem, destapa o garrafão, embebe o lenço de vinho, e o faz respirar ao velho, esfregando-lhe tambem as fontes com elle*). Este vinho é muito espirituoso, talvez....

JULIA.

Meu Deus!... (*Ella esfrega os pulsos de seu pai, e de vez em quando, lhe beija as mãos*.) Como ellas estão frias!... (*Ella continúa*.)

ALFREDO.

(*Depois de continuar algum tempo no mesmo exercicio*.) Vejamos.... (*Desabotoa-lhe o colete e lhe passa a mão em cima do peito, e diz com alegria*.) Animo, Julia! Elle parece reanimar-se....

JULIA.

Sim.... Suas mãos se aqueção nas minhas. (*Ambos continuão no mesmo exercicio, Julia apalpa o pulso, e exclama com alegria*.) Deus seja louvado, Alfredo!... meu pai está salvo!... Vêde, vêde como o pulso já está batendo!....

ALFREDO (*tomando o pulso*.)

Sim.... animo! continuemos. (*Elles continuão*.) Já vai abrindo os olhos, mas ainda não distingue os objectos.... Coragem! (*Elles continuão*.)

DORMUNDO (*dando um suspiro*.)

Ah!...

JULIA.

Meu pai!...

ALFREDO (*o sustentando por detraz.*)

Senhor Dormundo?!...

DORMUNDO (*olhando-os.*)

Minha filha!... és tú?... Alfredo.... Sois um bom e digno mancebo.... Oh! meu Deus! Oh!... que fraqueza!... Ah! sinto-me desfallecer. (*Elle recosta a cabeça no seio da filha, que olha amorosamente. Julia beija-lhe os cabellos, Alfredo as mãos.*)

ALFREDO.

Senhor Dormundo, tenho aqui um pouco de vinho escapado do naufragio, se quizesseis?... (*O velho faz signal que sim; Alfredo vai buscar uma folha, da qual forma uma sorte de taça, dá-a para segurar á Julia, e deita dentro um pouco de vinho, que ambos fazem beber ao velho.*)

DORMUNDO.

Ah! Sinto reanimarem-se-me os restos da vida!... Porém, o choque foi terrivel! Sinto-me devorado por um fogo interior.... Uma febre ardente consume meu sangue.... Meus filhos.... uma pouca d'agoa?!

JULIA.

Alfredo!?!...

ALFREDO.

Infeliz velho!... onde acharei aqui um regato, uma fonte, n'estas plagas ardentes e estereis?!

JULIA.

Meu Deus!... Meu Deus!...

ALFREDO (*depois de reflectir.*)

Ah!... Sim.... Estou lembrado que na minha querida patria, no Brazil, (*elle enchuga uma lagrima*) o gravatá.... Esperai. (*Elle desaparece a direita.*)

JULIA (*tomando um biscoito no barril,*)

Meu pai, o comer tambem serve as vezes de refrigerio ao estomago, e mitiga a sede, tomai.

DORMUNDO.

Dá-m'o. (*Elle toma o biscoito, e o vai mastigando vagarosamente.*) E os nossos outros companheiros, Julia?...

JULIA.

Julgo que todos perecerão nas ondas, meu pai; pois que nenhum aparece.

DORMUNDO (*tristemente.*)

Ah!... Em breve irei ajuntar-me com elles!

JULIA.

Meu pai!....

ALFREDO (*voltando com 2 gravatás.*)

Aqui tendes agoa.... Julia, segurai a taça. (*Esta a segura, Alfredo deita dentro a agua de um gravatá, e elles a dão a beber ao velho.*)

DORMUNDO (*depois de beber.*)

Licor divino! licor da natureza! presente de Deus! Oh! quanto bem me fazes!...

ALFREDO. (*Derramando outro gravatá na taça.*)

Tomai, Senhor, mais esta gotta.

DORMUNDO.

Não, meus filhos.... Vós também.... toma Julia.

JULIA (*tomando-a e a offerecendo a Alfredo.*)

Bebei Alfredo.

ALFREDO.

Não tenho sede, bebei Julia. (*Julia bebe a metade, e dá-lhe o resto que elle bebe também.*)

DORMUNDO.

Agora, chegai-vos a mim, meus filhos, chegai-vos, e vinde ouvir os ultimos de-

sejos de um moribundo ; pois sinto que está chegada a hora terrivel da dissolução do meu ser. Creado na opulencia , e possuidor de immensos bens , tanto em Portugal como no Brazil ; opiniões politicas obrigarão-me a deixar minha patria , e a procurar um azylo na terra americana, onde esperava findar meus dias na paz e na tranquillidade.... A sorte cruel , um fatal destino , tem ordenado o contrario.... paciencia!... Deixo á minha filha , unico fructo de vinte annos do mais venturozo consoreio , uma fortunã que lhe pode assegurar um feliz porvir , si tiverdes a ventura de escapar á ferocidade dos selvagens africanos que habitão estas plagas ingratas. (*Elle tira uns papeis d'algibcira.*) Aqui , Alfredo , tendes uns papeis, concernentes á minha fortuna; elles estão molhados , vós os fareis enchugar. Além d'isso , o meu procurador em Lisboa , vos ha de esclarecer toda e qualquer duvida : é um homem da maior probidade. (*Elle pucha tambem um cintho, e uma carteira.*) Tomai tambem este cintho , que achareis cheio de ouro, e esta carteira que contem alguns bilhetes do banco de França.... Possa este dinheiro ser-vos de alguma utilidade. Em quanto a mim , não preciso mais senão da misericordia de Deus.... Vós , meus filhos , tomai o meu conselho : dirigi vossos passos para parte do Sul.... Não longe d'aqui , deve existir a pequena povoação de Loango , onde achareis alguns dos nossos compatriotas.... Estes mantimentos (*mostrando o barril*) vos podem ser de um grande soccorro.... Julia ! minha filha ! Eu te vou deixar para sempre.... porém confio-te a um homem que parece-me digno de minha confiança, e de teu amor. Amaes-vos ambos , já o tinha descoberto , e os projectos de ventura que finha occultamente formado no meu coração , de unir-vos na nossa chegada no Rio-de-Janeiro , haveis de realisal-os.... Unidos já por uma commum desgraça , quero , em virtude da minha autoridade paternal, apertar vossos laços.... Alfredo , (*este se lhe lança aos joelhos*) dizei-me , amaes vós minha filha ?

ALFREDO (*com effusão e sempre de joelhos.*)

Oh !... Se eu a amo !...

DORMUNDO (*á Julia.*)

E tú , minha filha , consentes em teres por companheiro na ventura , aquelle que o infortunio parece te destinar ? Dize-me , amarás tú Alfredo ?..

JULIA (*chorando e de joelhos.*)

Sim , meu pai !...

DORMUNDO (*com voz já fraca.*)

Chegai-vos então mais perto , meus filhos , pois, meus olhos que já se vão fe-

chando á luz do dia , não vos distinguem mais. (*Elles se chegam , o velho os abraça , e estendendo magestosamente as mãos sobre suas cabeças.*) Em nome do Deus vivo , sejaes unidos... e que o raio da sua justa vingança castigue o perjuro! (*Succumbindo a este ultimo esforço, elle desfallece nos braços de Alfredo e de Julia.*) Adeos... me...os... filhos ... se...jaes.... fel.... (*Elle expira.... Momento de consternação silenciosa.*)

ALFREDO (*com tom solemne.*)

Oh ! meu Deus ! no meio das maiores desgraças, no centro dos mais horrendos desertos , derramaes todas as vossas doçuras sobre os ultimos instantes do justo !... Julia !... Julia !... minha esposa.... consola-te... ergue-te... ouve a voz suave de nosso pai , que risonho , nos clama do seio inefavel da divindade : filhos meus , a vida é um tecido de infortunios , um valle de lagrimas ; só a virtude é que conduz o triste humano á verdadeira felicidade. Endurecei-vos pois contra os rigores da sorte ; Deus que vos vê , não vos ha de abandonar , e elle será vossa guia nestas horriveis solidões.

JULIA.

Tuas palavras, oh ! querido Alfredo , me restituem a coragem. Sim, não sofframos que a desventura nos vença , Deos está com todos aquelles que padecem : Vamos , meu amado , vamos cuidar em render os ultimos officios , aos preciosos restos do mais virtuoso dos pais .

ALFREDO.

Sim , Julia ; levemos estas preciosas reliquias do justo por baixo de alguma frondosa sombria , lancemos sobre ellas os ramos da saudade , cubramol-as com a areia ardente do deserto , reiguemol-as com nossas lagrimas, mais ardentes ainda , e renovemos sobre ellas, o juramento de viver e morrer um pelo outro. (*Elles pegão com respeito o cadaver do velho , de que Julia beija as mãos por diversas vezes , e o levão para fóra, pela esquerda centro. Apenas desaparecem, que, da direita baixa, sahe um grupo de negros meio nús, armados de arcos, frexas, e lanças: elles vão montando a scena, dirigindo-se para praia. Chegados no meio do theatro , um faz observar aos outros os rastos n'areia, outro apossa-se do barrilêto, outro do garrafão, de que todos bebem; outro que vai mais adiante, faz signal com horrendas gesticulações que avista os dois brancos á esquerda ; no mesmo instante todos correm, puchando horriveis gritos : um leva o barrilêto, outro o garrafão, e elles desaparecem, ficando a scena vazia.*

MUTAÇÃO.

(Nota.) Poderá se fazer acto, se fôr mais conveniente.

O theatro representa uma grande cabana ; porta larga no fundo; janella á direita centro ; porta á esquerda alta. Um chapéo de pennas, outros atavios, e armas de principe africano, estão suspendidas á esquerda centro. Na esquerda baixa uma grande esteira enrolada e encostada, com dous coxins da mesma palha.

SCENA I.

COREB. (Só.)

(Sahe da E. A. fumando um comprido cachimbo, toma a esteira, desenrola-a, estende-a no chão, põe-lhe as almofadas, e assenta-se com as pernas encruzadas.)

Sim, desde o dia em que, mandado por meu irmão ao poderoso reino de Angola, a felicitar seu governador, tive a occasião de conhecer esses brancos, que sempre me havião pintado, como tyrannos da humanidade, que attrahido para elles, por suas maneiras nobres e generosas, por sua urbanidade e affavel politica, apprendi a ler e fallar sua linguagem, cheio de admiração, á vista da espantosa industria e civilisação d'esta casta privilegiada de Deus, tenho lhe consagrado todas as affeições de minha alma. Sim, a sorte de nossos irmãos africanos, que me figuravão tão horrenda debaixo do jugo de seu captiveiro, adoçada pelas maximas de uma religião toda cheia de humanidade, e de brandura, não tardou a parecer-me preferivel, á liberdade selvagem, e cheia de todos os generos de privações, de que, na mais crassa ignorancia, e na mais nojenta miseria, gosavão os desgraçados vassallos de Dahomé... Ah! meu irmão, se quizesse acreditar minhas palavras, seguir meus conselhos! Se em lugar de fundar teu poder insensato sobre um atroz uespotismo, se em vez de procurar na venda de uma grande parte dos habitantes de teu reino quasi deserto, umas vãs riquezas, que por falta das artes e da industria, te são de uma perfeita inutilidade, tivesses attrahido por bons tratos, esses brancos que tanto abominas; com elles, terias visto nascer entre nós as artes e a civilisação, florescer a agricultura e o commercio, abrirem-se em fim todas as fontes de prosperidade. Porém, não; na tua feroz brutalidade declaraste uma cruel guerra aos europeos, despovoaste o teu paiz, e semelhante ao tigre do deserto, depois de farto de sangue, descanças torpemente, no lamaçal da mais infame voluptuosidade, sem conhecer os verdadeiros prazeres, a verdadeira gloria, a da virtude... Mas ouço rumor n'aldeia, talvez que sejão os exploradores, que mandei em descoberta d'esse navio europeo, que, me disserão haver

nafragado na ponta das palmeiras. Se, cousa incrível, alguns brancos escapáram ao furor das ondas, elles me devem ser aqui conduzidos por meu fiel Abdagó... Mas... elle chega.

SCENA II.

ABDAGO', COREB, e no fundo, ALFREDO E JULIA com as mãos atadas.
GUARDAS.

ABDAGÓ (*depois de cortejar á moda asiatica.*)

Poderoso principe, sublime Coreb, tuas ordens tem sido fielmente executadas pelo mais humilde dos teus servos, Nas portas de teu palacio, estão depositados todos os objectos que podemos salvar dos destroços da casa alada dos brancos, despedaçada, sobre nossos rochedos. Julgo que quazi todos esses tyrannos devoradores de nossos irmãos, tem sido victimas do furor das ondas africanas. Dous tão sómente achámos vivos ainda, arranquei-os ao justo furor dos meus soldados, para te os oferecer, afim que venhão a gozar da honra insigne, para uns brancos, de lavar os pés de tua grandeza. Ei-los. (*elle os aponta*) Em suas mãos, achei este ouro que te pertence. (*Elle remette-lhe um cintho*) assim como estas folhas brancas como elles, e cobertas de signaes cabalisticos, pretos como nós; signaes pelos quaes, diz-se, que lá no seu paiz, scellão o captiveiro infame de nossos irmãos (*entregalhe papeis.*)

COREB.

Manda avançar estes infelizes (*Abdagó vai para o fundo, Coreb abre os papeis, e lança a vista sobre elles.*) Céos!.. São portuguezes!... portuguezes!... Nação querida!.. Ah! Agora é chegada a occasião de pagar tudo quanto te devo (*aos prezos*). Sois portuguezes?...

JULIA.

Sim.

COREB.

Sois portuguezes, e vossos pulsos estão atados! (*aos soldados*) Seção elles immediatamente soltos. (*os soldados os desatão*) Sois portuguezes!... da incomparavel cidade de Loanda, sem duvida?...

ALFREDO.

Não, generoso africano, esta mulher que é minha espoza (*aqui Coreb olha Julia com maior attenção e parece admirado de sua belleza.*) vio pela primeira vez a luz do dia na soberba e opulenta Lisboa, rainha dos mares; e eu nasci na magestosa capital do imperio brasileiro.

COREB.

Sim, ouvi tambem fallar daquella generosa nação, que obrigada pelo arbitrario dos agentes de uma metropoli despotizada, della se tem separado nobremente, sem todavia desconhecer os laços de amor que as ligavão, conservando sempre para com seus irmãos de ultramar a mais sincera amisade.

ALFREDO.

Sim. Voltavamos pois de Portugal para o Brasil, a bordo de um navio, onde vinha tambem o pai de minha esposa; uma horrenda tempestade, que durou mais de dez dias; depois de nos ter arredado de nosso caminho, arremeçou-nos, totalmente desalvorados sobre os rochedos que bordão vosso paiz. Todos os nossos companheiros encontrarão nas ondas uma morte horrenda e cruel..... Eu só, que uma educação americana tinha familiarizado com o terrivel elemento, alcancei salvar-me com o que tinha de mais precioso, (*elle aponta para Julia*) minha querida esposa. Não tornou aos seus sentidos, senão para receber os ultimos suspiros de um pai adorado; ambos chorosos, demos-lhe a sepultura, e no momento em que estavamos cumprindo este religioso dever, fomos accommettidos por vossos soldados, que, depois de nos terem totalmente espolhado, conduzirão-nos á vossa presença.

COREB.

Infelizes estrangeiros, socegai. Cahistes nas mãos de um africano sensivel, e que, tendo já habitado entre brancos portuguezes como vós, delles aprendeu a ser humano, a compadecer-se da desgraça, e a respeitar a hospitalidade; um christão emfim; pois um dos vossos compatriotas, digno ministro do verdadeiro Deos, regenerou-me na santa agoa do baptismo. (*Elle tira do seio uma pequena cruz de ouro*). Vêde o signal que trago em cima do coração. Descançai pois; sereis aqui tratados como amigos; e para principiar, recebei este ouro e estes papeis que vos pertencem; e emquanto não aviso aos meios de consolidar vossa segurança e tranquillidade, entrai no interior de minha casa, descançai da fadiga que vos opprime; brevemente vos tornarei a ver. (*a Abdagó*) Tu, vai-te, e qualquer novidade que haja, não te esqueças de avisar-me. (*Vão-se os jovens pela E. A. e Abdagó pelo fundo*).

COREB (*Só*).

A belleza desta joven europêa tem arrebatado meus sentidos!!....

Todos os meus sentimentos de virtude e de equidade, abalados pelo fogo que sahe de seus olhos, por pouco que se desmoronão, e cedem o lugar á mais odiosa tyrannia.... Ella pertence-me; é verdade; ambos são meus captivos; tenho sobre elles o direito de Senhor; e lei alguma, nada emfim, nem mesmo a propria repugnancia da moça, me póde impedir de abusar della. Porém, ella é esposa deste joven; a lei christãa que abraçei, prohibe-me o usurpar a mulher de meu proximo, e violar a hospitalidade; a do agradecimento ordena-me de os amparar em sua desgraça.... Não, não Coreb!.... has de resistir ás infames persuasões de uma injusta concupiscencia.... Estes jovens te hão de dever a vida, a liberdade, a honra. Sim; que voltem para sua patria, e possão publicar no meio das nações cultas, que tambem existe alguma virtude no centro dos desertos africanos. (*Sahe Abdagó assustado. F*).

SCENA IV.

ABDAGO', COREB, e logo DAHOMÉ. GUARDAS.

ABDAGÓ.

Senhor! teu irmão....

COREB.

Que dizes?!...

ABDAGÓ.

Elle mesmo; avisado de tua presa pela voz publica, elle vem reclamar-a, como pertencente á sua realza.

COREB.

Sua!.... e com que direito?!... Não sou, assim como elle, do nobre sangue de Judomy?!... Porém, venha elle; heide saber defender minha conquista. Conheço sua ambição.... sua.... (*Sahe Dahomé F*).

DAHOMÉ (*aos bastidores.*)

Ficai aqui, e esperai minhas ordens. (*a Coreb.*) Coreb?

COREB. (*inclinando-se.*)

Irmão, e Senhor....

DAHOMÉ.

Com que audacia, esquecendo-vos do respeito e da obediencia, que me deveis

como a vosso legitimo soberano, ousastes apossar-vos de despojos, que pertencem por lei á minha real pessoa; e atrevestes-vos a conceder uma protecção escandalosa a dous brancos, dous infames e vis christães, que deverieis como bom vassallo, ter enviado a vosso monarcha e irmão?...

COREB. (*á parte.*)

Elles estão perdidos! (*em voz alta.*) Irmão e Sr.: os objectos que mandei em teu real nome salvar do naufragio, estão aqui; podes dispôr d'elles conforme o teu desejo; mas, aquelles dous infelizes christães que tomei debaixo de minha protecção, pertencem á nação portugueza; a essa nação tua alliada; a essa nação que tão bom tratamento ha feito a teu enviado, a teu irmão; a essa nação, de que o braço temido por todas estas costas africanas, póde cruelmente vingar uma offensa feita a seus filhos desditosos.

DAHOMÉ.

São portuguezes?!... mandai-os vir immediatamente á minha presença.

COREB.

Sim. (*Vai-se com Abdagó E. A.*)

DAHOMÉ. (*Só.*)

Dicerão-me que a joven é formosissima, quero, e posso possuil-a. (*Volta Coreb acompanhado de Alfredo e de Julia, e seguido de Abdagó.*)

SCENA V.

DAHOMÉ, JULIA, ALFREDO, COREB, ABDAGO', guardas de Dahomé e de Coreb.....

DAHOMÉ (*avistando Julia.*)

Céos!.... que belleza incomparavel! (*Elle fica um instante com a mão na cabeça de Julia, a considerando com admiração. Coreb chama Abdagó á parte, e lhe falla em voz baixa.*)

COREB (*em voz baixa.*)

Vai, e ajunta todos os meus guardas, e com elles estejas prompto ao minimo signal.

ABDAGÓ (*tambem em meia voz.*)

Sim, meu principe. (*Vai-se E. A.*)

COREB.

Então, irmão e Senhor ?....

DAHOMÉ (*Abrindo-lhe os braços.*)

Vem nos meus braços, querido irmão, reconheço tua lealdade, e te concedo ficas tu com todos os despojos dos brancos afogados pelo braço poderoso de Allá. Como tu amas as sciencias tão futeis desta casta maldita, concedo-te mais; podes ficar com este captivo europeu, (*mostrando Alfredo.*) que te poderá instruir nos segredos que o espirito do mal tem descoberto a essa gente...., Mas, quanto a esta joven, vassalla de meu alliado, o altissimo monarcha de Portugal, quero pô-la debaixo de minha real protecção: quero emfim.... sim, quero fazer della minha legitima mulher. (*Elle põe a mão na cabeça de Julia, e a considera de novo.*)

ALFREDO (*com inquietação.*)

Mas.....

COREB (*á parte e o attrahindo a si.*)

Calai-vos, senão ambos estaes perdidos; calai-vos e ajudai-me, (*passando para o irmão.*) tua esposa não pode mais sê-la, pois já é tua cunhada.

DAHOMÉ

Sem meu consentimento! este casamento é nullo, e sempre hei de.... (*elle vai para tomar Julia pela mão, esta foge espantada, e refugia-se por detraz de Alfredo.*) Ella foge-me, tu a proteges, e me obrigas a recorrer á força!... pois sim. Olá guardas! (*entrão os guardas de Dahomé, pelo fundo.*)

COREB (*correndo mais Alfredo às armas dependuradas.*)

Tyrano, não ha de ser como o pensas.... Antes de arrancar de minha casa esta joven que protejo, e que não é minha mulher, mas sim esposa deste nobre mancebo, antes que eu soffra que tão indignamente violes o hospitalidade, has de arrancar-me a vida... Acudão guardas! (*Acode Abdagó com soldados, trava-se um combate, os guardas de Dahomé fogem, este é derrubado.*)

por Alfredo que lhe vai cravar o punhal, quando Coreb o detem e lhe grita).

COREB (*detendo o braço de Alfredo*).

Suspende mancebo!.... Elle é meu irmão!.... (*Alfredo o solta*).

DAHOMÉ (*sahindo furioso*).

Cobardes, não tardareis a conhecer a força de meu poder, e sentireis todo o peso de minha vingança. (*Vai-se furiozissimo*).

SCENA VI.

OS MESMOS (*menos Dahomé e guardas*).

(*Depois de um instante de silencio*).

ALFREDO. (*á Julia*).

Estamos perdidos!

JULIA.

E arrastamos em nossa desgraça, este generoso protector.

COREB (*depois de uma curta reflexão*).

Não, não, interessantes estrangeiros; eu vos hei de salvar; tornareis a ver vossa patria querida. (*Chama por signo a Abdagó, falla-lhe ao ouvido, este sahe apressadamente*).

D'aqui a trinta horas de caminho, pela parte meridional destas costas, existe o pequeno porto de Loango, onde vossos compatriotas tem formado um estabelecimento respeitavel, protegido por numerosos trovões de bronze, e um corpo de valerosos soldados Lusos. Lá vou mandar conduzir-vos. Um fiel meu, o melhor, e mais experimentado pratico desta costa, conduzir-vos-ha, na maior e mais veleira de minhas canôas, até pôr-vos em segurança. A viagem é arriscada, mas, o Deos dos christães, o nosso Deos, que tão milagrosamente vos salvou do naufragio, livrar-vos-ha tambem dos reciffes de nossas costas. Já mandei tudo preparar; dahi a um instante partireis. O meu coração não descançará, em quanto não estiverdes longe do alcance do despotismo e da tyrannia.

ALFREDO.

Mas assim vós vos comprometteis, expondo os vossos tão preciosos dias!....

JULIA.

É isto, por causa de dous estrangeiros desconhecidos! Ah! nobre e generoso africano, fugí antes em nossa companhia; fugí, não tenhaes receio algum! A generosidade de minha nação já vos é bem conhecida; e não deveis duvidar de nosso agradecimento.

COREB.

Não..... devo ficar..... Minha presença aqui póde ainda ser-vos util, para impedir que meu irmão não mande, ainda em tempo, em vosso alcance.... Mas, ahí vem Abdagó!.... (*Sahe Abdagó apressadamente*).

SCENA VII.

OS MESMOS, ABDAGÓ.

COREB.

O que é, Abdagó? Então, tudo está prompto?

ABDAGÓ.

Sim, principe. Mas, percorrendo estes arrebaldes, á procura dos mais vigorosos remeiros, aterradoras noticias chegarão a meus ouvidos.

COREB.

Que ha pois?....

ABDAGÓ.

Teu irmão furioso, logo ao sabir daqui, tem mandado chamar todos os chefes das tribús; os gritos, ás armas!... castigue-se a traição!... se tem feito ouvir de todas as partes; os propios soldados de tua guarda, abandonando cobardeamente teu partido, forão unir-se aos satellites do tyranno, que se estão organisando nas margens da grande lagôa; antes de uma hora elles estarão aqui.

COREB.

Antes de uma hora, meus protegidos estarão ao abrigo de seu furor, antes de uma hora, talvez Dahomé me agradecerá ter-lhe poupado um crime.... Abdagó, confio de tua fidelidade, e de teu zelo, o sagrado deposito da hospitalidade. Parte. Conduze-os a bom porto; e sobre tudo, toma sentido aos

perfidos escolhos da ponta dos coraes. (*Aos jovens.*) E vós oh amigos portuguezes ! parti, o tempo passa, o perigo augmenta a cada instante; partí : que um vento favoravel encha as vélas da canôa que vos leva; lembrai-vos de mim, lembrai-vos que encontrastes nestas praias selvagens, um homem sensivel aos padecimentos da humanidade, um homem que soube vencer para salvar-vos os sentimentos os mais fortes; e quando felizes e contentes, no meio de vossos compatriotas, encontrardes algum africano triste e infeliz, acabrunhado pela miseria ou pela doença, socorrei-o dizendo : talvez seja este, um filho, um parente de Coreb..... Talvez que, algum dia, os liberaes e virtuosos legisladores de uma philantropica nação, venhão a estabelecer entre nós e o resto do mundo, outras mais vantajosas, relações, que não sejam as de um trafico atroz, o maior ultraje da humanidade.... Adeos. (*Elle os abraça.*) Partí....

ALFREDO E JULIA.

Que o Deos dos christãos, o nosso, e o vosso Deos vos conceda a recompensa devida á virtude.

COREB.

A recompensa, dizeis vós ? ! Ah ! (*mostrando o coração.*) Já a tenho aqui... Adeos ! (*Sahem os jovens com Abadagó pelo fundo*)

SCENA VIII.

COREB (*Só.*)

(*Os jovens sahidos, elle fica, por um instante, com os olhos e os braços virados para o céu ; depois, encruzando os braços, elle passeia, indo e vindo da direita para a esquerda, com a cabeça cahida no peito, e o ar muito melancolico; depois, parando no meio da scena, elle puxa um profudo suspiro, e diz.*) Emfim, já partirão ; o vento que sopra com violencia da parte do Septentrião, deve, em poucos instantes, pôl-os ao abrigo de seus perseguidores..... Agora esperemos meu desvairado irmão, com o sangue frio que inspira a virtude, e uma consciencia sem remorsos. (*Elle torna a passear silencioso, e depois de alguns momentos, elle para, e presta os ouvidos.*) Já parece-me que estou ouvindo ao longe as vociferações de seus feroses soldados !... Sim, não me engano, elles se aproximão. (*põe-se de joelhos e tira do seio a sua cruzinha de ouro.*) Meu Deos, tu que, dobaixo da capa mortal do homem, quizeste padecer tantos tormentos para fazer triumphar a verdade, inspira-me, neste trance

difficultoso, a força necessária para supportar todas as afflições, que na tua sabedoria, ligaste ao exercicio da virtude. Corrobora minha alma, e não soffras que se desvie do verdadeiro caminho. (*Elle se levanta.*) Agora sim, sinto-me confortado. Venha agora, tyrano, venha expobar-me uma acção de que ufano me glorio; com o adjutorio de meu Deos, e de minha consciencia posso desafiar toda a tua raiva. (*Violento romor na porta.*) Mas que é isto? arrombão minhas portas!!! (*Entra Dahomé com muitos soldados, de espada nua na mão, e com o furor nos olhos.*)

SCENA IX.

COREB, DAHOME' (*com soldados.*)

DAHOMÉ

Eil-o, soldados; eis o malvado que ousou levantar atrevidamente o braço sobre seu monarcha; o protector desta raça maldita, que soberba folga de escravisar vossos irmãos; prendei-o; que seja atado com as mais fortes cordas, até que..... (*os soldados vão para prender Coreb, este lhe faz magestosamente signal de suspender, e se lança, com respeito aos pés de seu irmão*), que pertendes desgraçado?!....

COREB.

Humilhar-me aos pés de meu legitimo soberano, render-lhe a obdiencia, e homenagem devidas ao primogenito do invencivel Judomy.

DAHOMÉ.

Obdiencia?! Tu que, ainda ha pouco, acabas de levantar sobre teu monarcha um braço sacrilego!..... Ah! não penses, por uma hypocrita submissão, escapar ao justo castigo que te preparo..... Mas, antes; dize-me que tens tu feito daquelles brancos insolentes que pertendeste ainda agora subtrahir á minha autoridade? dize rebelde, onde estão elles! manda-os vir já à minha presença.

COREB.

Irmão e Senhor; Coreb nunca attentou á tua soberania.... Estes dous infelizes não são teus captivos, mas sim vassallos de um rei teu aliado; sua desgraça, dava-lhes maiores direitos á tua generosidade do que á tua vingança.

DAHOMÉ.

Que dizes, louco!.... Mas enfim, onde estão elles?

COREB.

Onde?... longe daqui.

DAHOMÉ.

Longe daqui, infame traidor?!.... E por onde os mandarias, que os não alcance o meu justo furor?!

COREB.

Para poupar-te um crime, favoreci sua fuga. A melhor de minhas canôas, puxada por um vento protector, os leva para um dos portos de teu alliado, o poderoso rei de Portugal; (*indo para a janella*). Olha para este lado; não vês esta vela que apenas se divulga lá no horizonte? São elles que já vão vencendo o promontorio dos coracs.... e antes de poucas horas....

DAHOMÉ.

Que dizes, infame!?!.... (*a um chefe de sua guarda*) Manda já tocar o rebate... Que todas as canôas destas praias sejam immediatamente lançadas ao mar; que os mais intrepidos d'entre os meus soldados, e os mais habéis remadores, vão ao alcance dos fugitivos. Com escravos de gratificação, áquelle que me os capturar.... Parte. (*Sahe o capitão dos guardas*). E tu, indigno, não penses abrandar, por tuas vis rogativas, o meu justo furor!..... Eneommenda teu espirito a Allá; tu vás morrer (*a um de sua guarda*) fazc avançar o algoz. (*o algoz se avança com o machado na mão*). Aqui mesmo, infame, neste proprio lugar, onde, temerario, te atreveste a levantar o braço sobre o teu monarcha, quero que teu sangue seja derramado. Tua cabeça orgulhoza, separada de teu immundo tronco, será collocada no cume mais aparente de tua casa, para servir de exemplo a todos.....

COREB (*tirando sua cruzinha do seio*).

Meu Deos! que na vossa infinita misericordia, quizestes remir os homens, a preço de vosso precioso sangue, aceitai o sacrificio que vos faço do meu, que

vai derramar meu desvairado irmão: fazei mais, na vossa bondade sem limites, perdoai-lhe, meu Deus; e illuminai seu entendimento, para que se arrependa, e volte ao caminho da virtude. (*com ternura*) Adeos meu irmão.... Adeos!..... Perdoa-me o te não ter obedecido..... Mas, a humanidade me ordenava o contrario; e a religião santa que me tem prohibido tão vil acção, me ampara neste momento cruel... Morro sem remorsos. Deus dos christães, recebei minha alma!.... (*Estende o pescoço ao algóz*). Algóz, cumpre com teu dever. (*O carrasco levanta o machado*).

DAHOMÉ (*detendo o algóz*).

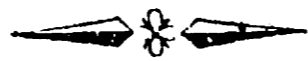
Suspende!..... Suspende algóz!..... Não sei o que sinto..... Um sentimento cruel, semelhante á uma flecha envenenada, me traspassa o coração..... Será isto remorso?!.....

COREB.

Sim, meu irmão, são os remorsos, inferno em vida, que Deus envia ao coração do monarcha injusto e cruel... Arrepende-te irmão!

DAHOMÉ (*todo perturbado*).

Que delirio é este!.... Parece-me ouvir a voz de meu pai que me brada, Dahomé! meu filho!..... não derrames o meu e o teu proprio sangue!..... Obedeço-te, meu pai.... (*a Coreb*) Não morrerás, traidor; concedo-te a vida. Mas, em castigo de teres tu sacrificado o respeito que me devias, a um louco amor por uns indignos brancos, te vou reunir a elles. (*aos guardas*) Que se lhe arranque as insignias de uma nobreza que deshonrou... Amarrem-se-lhe os pés e as mãos, e lançado seja em um escuro carcere, donde não sahirá senão para ser vendido, como um vil escravo, a estes despreziveis brancos que tanto estima; para que, algum dia, nos horrores de um atroz captiveiro, possa elle conhecer quão louco fôra em abandonar o culto de Allá, para abraçar a lei barbara desses ferozes habitantes do norte.... Levai-o! (*os guardas o levão*) Vamos ver agora se meus guardas tem sido felizes. (*Elle vai partindo, e logo desce o panno*).



ACTO SEGUNDO.

O theatro representa o interior de um barracão. Porta á direita, e á esquerda baixa; Outra á esquerda alta; o fundo em aberta, deixa ver o campo ao longe. Uma mesa grosseira com os preparos para escrever, bancos e cadeiras grosseiras, e umas esteiras. Armas ensarilhadas na direita fundo.

SCENA I.

THOMAZ (*Só, e fumando cigarro*).

Os diabos te levem, castilhano do inferno!.... Não sei que tentação foi esta minha, de me vir metter no meio desses piratas; expôr-me a ser içado pelo pescoço no lajo da verga grande de algum englichmano. Isto de certo não está nada bom; é remar contra a maré... (*passa a mão pelo rosto*) Porém, vai-me dizendo Thomaz, não podias teres tu antes ficado lá no Porto, comendo tuas dobradas com feijões de ervas, e bebendo o bom vinho do Douro; do que correr assim os mares, para encontrar a fulana fortuna, ou em lugar della, alguma carneirada, o que é o mais certo.... E não tem sido bastante correr assim os mares como um tubarão; deu-te mais na cabeça entrar no serviço de um refinado pirata, e de te fazer tambem traficante de carne humana. E's na verdade um perfeito malvado.... Mas, qual malvado!.... As maiores fortunas daquelles homens apelidados de bem, ou de bens, que hoje tudo é o mesmo, não provêm ellas pela maior parte do cambio preto?!... Porém, para fallar a verdade, não póde o meu coração deixar de revoltar-se á vista da infamia de tão cruel trafico; arrancar um filho dos braços de sua inconsolavel mãe, uma mãe a seu querido filho, etc. etc., isto me parece bastante horrorozo!..... Mas, quando imagino em tudo quanto nosso capitão, aquelle bigodeiro do inferno, Dom Barbaro de Cutello Alçado (que bonito nome) tem obrado á minha vista, estremeço. Um dia destes, fomos á caçada dos bicudos, (assim chama elle aos seus infames raptos) e trouxemos vinte e noye pretos, uns grandes e outros pequenos; uns gordos, e outros feitos esqueletos; uns sãos e outros doentes; uns moços, e outros velhos decrepitos, os quaes roubámos n'um armazem de outro traficante como nós, depois de assassinar-mos (porém não eu, que minhas mãos estão puras), de assassinar, digo, os oito marujos de guarda, que estavam embriagados. Depois de ter-mos embarcado os desgraçados na lancha, onde para caber, forão empilhados como sardinhas de Vigo embarriçadas, remámos para o brigue, que estava fundeado a mais de tres leguas ao largo. Chegados a bordo, D. Barbaro, depois de nos haver felicitado sobre nossa boa fortuna, passou a revista. Mas,

qual não foi meu espanto, quando ouvi este cannibal, pronunciar as seguintes horríveis palavras: Para que quero eu aqui toda aquella rebutalha?! Façamos uma escolha, contramestre.... Sim, capitão, respondeu o feroz Carranco; e logo procederão á escolha. Esta cahiu sobre vinte e um, que esses dous tigres acharão capazes de supportar a viagem.

Remegava já de minha vida, e encebava as mãos, imaginando que havíamos de tornar a levar os outros em terra, quando o capitão exclamou: Em terra?!.... estais doudos?! Vão elles para lá se quizerem, a nado. Logo, elle e o bom do contramestre, lançarão, um por um, os oito infelizes ao mar, entre os quaes se achavão, um velho de mais de oitenta annos, uma negra tambem idoza, e tão magra, que parecia a figura da morte, um moleque aleijado, duas negras prehes em dias de parir, um preto moço e robusto, porém cégo, e enfim, dous doentes de bexigas, ao que declarou o mesmo contramestre que ambem faz de cirurgião.... A' vista de tão horroroso espectáculo, estremeci, as pernas se me pegarão a tremer com violencia, meus olhos cobrirão-se de uma nuvem, e por pouco que desmaie; o que observando D. Barbaro, disse, dando-me uma horrenda calabrotada. Oh! portuguez, ustê não é boêno marinceiro! Safei-me para a prôa, entrei no rancho, e lá me debilhei em lagrimas, pelo tempo que a marujada hespanhola, divertia-se com os seus dignos chefes, a verem os innteis esforços que fazião estes infelizes para romper a corrente, e tornar a bordo do brigue; o cégo, sobretudo, que lutava contra as ondas, sem saber por onde se dirigia, excitava suas gargalhadas, que não cesarão senão longo tempo ao depois, quando estes miseraveis desaparecerão. Ah! meu Deos!..... meu Deos!..... quem me déra já poder safar-me de tão pessima companhia!..... Sim, logo que eu..... Mas, ahí vem o bom do meu capitão. (*Salte D. Barbaro, E. B.*)

SCENA II.

THOMAZ E D. BARBARO,

D. BARBARO.

Oh! és tu, Thomaz! que estás fazendo aqui só?

THOMAZ.

Antes só do que mal acompanhado, capitão. Não é assim?

D. BARBARO.

Não ha duvida. Mas que é de Carranco e dos outros marujos?....

THOMAZ.

Que é delles?.... o contramestre não sei.... porém os outros, não tem que ver; póde o Sr. capitão mandal-os procurar, ou na taverna do negro gordo ou na salla de dança da rua da palha.

D. BARBARO.

Bem, bem, vai tu mesmo chamar o contramestre.

THOMAZ.

Obedeço, capitão. (*à parte, indo-se embora, F*). Permitta o céo que o diabo o tenha levado.

SCENA III

D. BARBARO (*Só*).

Ora muito bem. Não me faltão, para completar os duzentos e vinte e cinco pretos que póde carregar meu brigne, senão uns vinte; para isto é que mando chamar o destemido Carranco; só elle póde, em um instante, terminar este negocio.... Mas, cil-o que para aqui se dirige. (*Sahe Carranco pelo fundo*).

SCENA IV.

D. BARBARO E CARRANCO.

D. BARBARO.

Ah! és tu Carranco? Tinha-te mandado chamar, meu bravo.

CARRANCO.

No caminho, encontrei o portador de meu capitão, aquelle maldito portuguez; não gosto desse rapaz.

D. BARBARO.

Nem eu tão pouco ; sua sensibilidade condiz mal com nossa profissão Porém, fallemos em outra cousa..... Carranco, falta-me ainda alguns negros para completar meu carregamento.

CARRANCO.

Pois que faz meu capitão, que os não compra áquelle traficante de hontem?!

D. BARBARO.

Os escravos daquelle judeu são de flor, é verdade, porém são muito caros Ah! se eu soubesse onde se arranchou!....

CARRANCO.

Ah! sim, entendo. Meu capitão deseja acabar o carregamento....

D. BARBARO.

Como o principiei, isto é....

CARRANCO.

Sim, sim, conquistados á ponta da espada, não é assim? E' mais honrozo.... e mais....

D. BARBARO.

Nossas almas se entendem.... Pois bem, escuta-me: ouvi dizer que nas margens do Dêndêbú, ao pé da serra do Zambo, devem reunir-se algumas familias africanas, para celebrarem os desposorios de um dos mais notaveis de entre elles. Mando para lá quatorze marujos bem armados, e dos mais destemidos, commandados por ti, meu intrepido camarada. O lugar da festa é distante da praia uma boa legoa. Sabindo agora, debes chegar ao pôr do sol na embocadura do rio, á bocca da noite cahir de improviso sobre o alegre rancho meio embriagado, pegar todos quantos poderes pilhar, leval-es para bordo, e lá faremos a escolha.

CARRANCO.

Bem, bem, percebo o enredo da comedia. Assim haja algum cégo, para nos dar o entremez. Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

D. BARBARO.

Está bem entendido; ás nove horas, estou a bordo do brigue á tua espera, a noite é de escuro, levantamos o ferro, e sem accender a bitacula, tão somente com nossas velas baixas, puxados pelo vento de terra e a maré, devemos, ao amanhecer, estar fóra da vista da corvêta inglesa.... Vai-te.... Coragem e fortuna..... Has de deixar ficar aqui para irem comigo no bote, Thomaz, os dous francezes, e sobretudo, o meu fiel Ferrujo. Vai-te com Deos!....

CARRANCO.

Antes com todos os diabos! (*Vai-se, F*).

SCENA V.

D. BARBARO (*Só*).

Muito bem! está o meu carregamento quasi prompto, sem ter eu gastado nem se quer mil pesos; daqui a quarenta ou cincoenta dias estou na Havana. Minha escravatura é toda bem escolhida..... (*com sorriso infernal*). Oh! sim, bem escolhida!... Minha especulação não póde deixar de render-me pelo menos cincoenta mil pesos fortes, affecto possuir o duplo, cazo-me com uma rica herdeira, e eis realizados os sonhos que ha tanto tempo fórmoo..... Vamos preparar minhas mallas. (*Vai-so D. B*).

THOMAZ *introduzindo* ALFREDO E JULIA.

THOMAZ.

Entrai meus carissimos patricios, assentai-vos, vou chamar meu capitão (*Entra D, B*).

ALFREDO (*á Julia que parece pensativa*),

Que tens, minha querida Julia? pareces triste?

JULIA.

A lembrança da ventura de que vamos gosar, tornando a ver nossa querida patria, não deixa de ser em mim algum tanto perturbada, pela idéa que vamos embarear a bordo de um navio traficante de escravatura:

ALFREDO.

E se não ha outro, nem esperauça de ver tão cedo apparecer algum. Descança, querida esposa; a alma de teu virtuoso pai nos ha de proteger lá do alto dos céos

JULIA.

E o generoso Coréb, que terá sido feito d'elle ?!

ALFREDO.

Deos que á vista de suas virtudes, o quiz chamar para o gremio de sua igreja, não o ha de abandonar ; Dahomé he seu irmão, e a força do sangue Mas, ahi vem o Capitão. (*Sahe D. Barbaro, D. B,*

JULIA (*Em o vendo entrar,*)

(*á parte a Alfredo.*) Como elle é mal encarado !

SCENA VI.

JULIA, ALFREDO, D. BARBARO, THOMÁS,

THOMAS.

Sim, meu Capitão; são dous portuguezes meus patricios, que tendo naufragado lá na costa do norte, nos baixos da ponta das Palmeiras, tem alcançado escapar ao captiueiro, e que vem pedir-lhe uma passagem.

D. BARBARO.

Sois portuguezes ?

ALFREDO.

A opulenta Lisboa, Senhor, tem visto nascer minha querida esposa.

D. BARBARO.

Já fui lá duas vezes.

ALFREDO.

E emquanto ao que me diz respeito, nasci de pais portuguezes, na famosa capital

do Imperio Brasileiro.

D. BARBARO.

Brasileiro ? filho do Rio-de-Janeiro, não he ? Já para lá levei dous carregamentos de negros.

ALFREDO.

E agora, o Snr. Capitão não se dirige para lá ?

D. BARBARO.

Não, Senhor. a minha destinação he para a ilha de Cuba.

JULIA.

Meu Deos ! Como ha de ser então ? Desejavamos, custasse o que custasse a passagem, irmos em direitura para o Rio-de-Janeiro, pois lá tenho grandes bens, assim como meu esposo toda a sua familia.

D. BARBARO.

Nunca tenho costume de acceitar passageiros, senão com a passagem paga adiantada, pois que, sejam ricos, sejam pobres, quando se apanhão servidos, tem sempre mil motivos para retardar, quando não negar o pagamento.

THOMA'S (*à parte.*)

Rapôza ruiva do que usa, d'isto cuida.

ALFREDO.

Não estamos nestas circumstancias, e graças a Deos, temos salvado do naufragio mais do que preciso para pagar adiantado. (*elle mostra uma bolça cheia, e uma carteira.*) Nesta carteira, ha mais de vinte mil pesos, em bilhetes do banco de França.

THOMA'S (*à parte.*)

Innocente ! que se vai por si mesmo lançar na bocca do tubarão.

D. BARBARO (*à parte.*)

Vinte mil pesos ! (*alto.*) Bem. Porém vou para a Havana, e o preço de vossa passagem será de duzentos pesos fortes, cada pessoa.

1.543.346A/218

THOMA'S (*á parte.*)

Irra !

ALFREDO.

E no caso que exigissemos que aportasseis no Rio-de-Janeiro ?

D. BARBARE.

Não posso ; isto me desviaria demasiadamente de minha derrota, os viveres me havião de faltar ; salvo, se lá mesmo eu pudesse dispôr de meu carregamento, e sei o quanto he difficuloso ; a lei do Brasil a isto agora se oppõe, e as autoridades são terrivelmente severas a este respeito. Sem contar que os Inglezes são capazes de me pegar até dentro do porto, e de me levar prezo para a sua nova Serra Leôa. Por tanto, se quizerdes passar á Havana, de lá podereis embarcar para Cadix, d'esta cidade para a de Lisboa, e emfim por onde quizerdes. Eis o que vos posso fazer.

THOMA'S (*á parte.*)

Que generosidade !

JULIA.

Deos não permitta que me veja de novo obrigada a fazer ainda tantas viagens sobre hum elemento que tanto aborreço.

THOMA'S (*á parte.*)

Mais que eu, não.

ALFREDO.

E se eu vos garantisse o feliz exito de vossa especulação no Rio-de-Janeiro ? Se huma vez as costas do Brasil em vista, eu vos conduzisse n'hum ponto, onde todas as autoridades são parentes meus, e onde, sem o menor perigo, podesseis dispôr de vosso carregamento; então, não consentirieis ?

THOMA'S (*á parte.*)

Ora pergunta a hum doente se quer saude.

D. BARBARO.

Isto he conforme á ganança ... E quanto me offereceis, para fazer-vos este sacrificio ? Vejámos ! Apalpai-vos.

ALFREDO.

Não sei; sois vós que deveis fallar.

JULIA (*atrahindo Alfredo á parte.*)

Não receies gastar, meu Alfredo, e (*ella continúa a lhe fallar em voz baixa ; por esse tempo tambem D. Barbaro diz á parte.*)

D. BARBARO (*á parte.*)

Nunca tenho visto tanta formosura, nem carteira tão bem recheada ! que fortuna !..... E a deixaria eu escapar !... não. (*depois d'uma mui curta reflexão.*) Bem, bem, carteira e mulher, tudo, tudo ficará meu ... (*alto.*) Então tomastes vossa determinação ?

THOMA'S (*á parte.*)

Oh ! a tua está tomada, e que tal não será ? !...

ALFREDO.

Pois sim, Senhor. Dar-lhe-hemos adiantados, mil pesos fortes, para nossa passagem, obrigando-me ás condições já falladas.

THOMA'S (*á parte.*)

Elles se entregão !... Infelizes !.....

D. BARBARO.

E que garantias me daes a respeito da execução das ditas condições ?....

ALFREDO.

A minha palavra de honra.

THOMAS' (*á parte.*)

Qual !... Não he isto que elle quer.....,

D. BARBARO (*rindo-se com mofa.*)

Vossa palavra de honra ! He fazenda esta, desconhecida entre nós outros, trafi-

cantes de escravatura ; huma moeda falsa, que facilmente emittimos, isto sim, mas que nunca recebemos..... He-me preciso mais segura fiança.

ALFREDO.

E qual então ?

D. BARBARO.

Qual ?.... Escutai-me..... Bem vedes que fazendo-vos a vontade, vou expôr minha vida e fortuna.... Em quanto á vida, he o menos ; porém, minha fortuna, que tanto me custou a adquirir, que tantas vezes me tem fugido das mãos, quando cuidava segural-a, não quero mais deichal-a fugir, no momento em que a tenho segura Afim pois de tranquillisar-me, eis o que vou propôr-vos Para mutua segurança, depositareis em minhas mãos o ouro e a carteira que acabais de mostrar-me ; dos quaes objectos vos hei de passar um recibo Se, chegados no ponto da costa do Brasil por vós apontado, achar eu todas as facilidades que me prometteis, e que, em huma palavra, possa eu tranquillamente dispôr de meu carregamento ; tudo vos restituirei fielmente ; e se me tiverdes enganado, esta mesma quantia ficará minha, para indemnisar-me de minha perda.... Consentis neste trato ?....

THOMA'S (*que se tem aproximado d'Alfredo, em voz muito baixa.*)

Não !... não !....

JULIA (*Em meia voz á Alfredo, que a consulta com os olhos.*)

Consente, consente, meu Alfredo ; antes perder isto tudo, do que ficarmos aqui por mais tempo.

ALFREDO (*á Julia.*)

Já que assim o queres (*ao Capitão.*) Pois sim, Snr. , consinto (*entregando-lhe a bolça e a carteira.*) Aqui tendes o ouro e a carteira, passai-me o recibo condicional

THOMA'S (*á parte.*)

Recibo !... Para que ? !

D. BARBARO.

Pois bem. (*Elle conta o dinheiro e os bilhetes, e depois escreve n'hum papel que lhes remette.*)

Aqui tendes o recibo, com todas as clausulas necessarias ... Resta-vos agora, o remetter-me quanto antes vossas mallas, para as mandar já para bordo ; pois hoje mesmo partimos ; embarcareis comigo no bôte, e nesta mesma noite, favorecidos pelas trevas, o vento, e a maré, não soffre a minima duvida que havemos de escapar ao unico perigo que se pode receiar ; isto he, á vigilancia da corveta ingleza. Adeos, até logo sobre tudo, não me demoreis.

ALFREDO.

Já lhe vou mandar remetter nosso peqneo trém..... e antes de se pôr o sol estaremos aqui. (*Vão-se F.*)

SCENA VIII.

THOMÁS E D. BARBARO.

D. BARBARO.

E tu, vai tudo apromptar para a partida, e manda-me por aqui Ferrujo.

THOMA'S.

Quem ? o mestre calafate Ferrujo ?

D. BARBARO.

Sim, não sabes onde elle está ?....

THOMA'S.

Oh ! se o sei !.... Já o vou mandar para cá. (*Elle vai-se pelo fundo.*)

SCENA IX.

D. BARBARO.

Não podião as cousas correr-me mais a gosto, tenho vento em pôpa ... Antes de pouco, vou-me achar possuidor da bella Lisboa, e de seus patacões, pois apartar vou della para sempre o seu toleirão de marido..... Imbecil ! que vai confiar sua formosa esposa, e suas bellas moedas de ouro, de hum capitão de piratas, de hum traficante de carne humana !... Porém ouço ruido; não deixa de ser mestre Ferrujo. (*Sahe Ferrujo pelo fundo.*)

SCENA X.

FERRUJO E D. BARBARO.

FERRUJO.

Sim, meu Capitão ; he elle mesmo em corpo e alma, prompto toda a vida.

D. BARBARO.

Por onde andaste todo o dia, que te não pude pôr o olho ?...

FERRUJO.

De manhã, depois de ter refrescado o forno aquecido ainda do ponche de hontem á noite, fui almoçar quigombós na barraca da velha quitandeira que parece huma macaca esfolada Sim, lá onde meu capitão vai as vezes curar-se da cobra. Depois de ter enchido a barriga, e lavado a bocca com alguns grogues temperados, fui dormir debaixo das bananeiras; e quando acordei, peguei a resar minhas contas, lá na fresca, á sombra das palmeiras, onde estava quando recebi a ordem de meu Capitão, e aqui estou. (*Aqui Thomás entra pé ante pé e se esconde á esquerda fundo.*)

D. BARBARO. (*depois de olhar ao redor de si.*)

Ora vai-me dizendo, Ferrujo, quererias tu ganhar cem pesos fortes ?.....

FERRUJO.

Ora, ora, se quero !... Sou capaz para isto, de matar pai e mãe se fôr preciso..

D. BARBARO.

Pois bem, escuta. (*Elle olha cuidadosamente em redor de si.*) Hoje á noite, havemos de nos fazer de vella ; logo ao escurecer, embarcamos no bóte com dous passageiros. (*por todo o tempo desta scena, Thomás deitará de vezes em quando a cabeça á porta.*)

FERRUJO.

Sim, já sei, aquelle Brasileirinho, com a sua sua mulher, que sei eu !.... mais he, que a tal rapariga não tem máo focinho.

D. BARBARO.

Pois bem, tu com Thomás, e os dous francezes, são que haveis de remar; eu, conduzirei o bóte. Chegados junto ao brigue, que está atravessado lá no banco dos tubarões, onde, tu bem o sabes, o mar he bastante picado, havemos de attracar. Tu, toma bem sentido, treparás primeiro a bordo, e deitarás para baixo a escada de cordas, que ficarás segurando; Thomás, e os dous francezes, subirão por ella os primeiros, com o resto do trém: Depois, subirei eu, dando politicamente a mão á senhorita, e logo, apenas vires que o basbaque do marido puzer o pé no segundo ou terceiro degráo da escada, tu, como por descuido, largarás de mão a escada e bóte, e o taful cahirá ao mar; gritarás, chamando soccorro, e pegando tu mesmo no croque grande, farás como quem procura salvar-o porém, tu bem me entendes Nada mais facil com a agitação do mar e a escuridão.

FERRUJO.

Sim, sim, já sei; procurarei enganchal-o pelas ventas, ou pelas orelhas, gritando: Ao tubarão!... para impedir que ninguem se atreva a lançar-se ao mar Então, Capitão, não entendo eu bem tudo quanto se me diz E os cem pesos? (*Elle estende a mão.*)

D. BARBARO.

Contart'os—hei logo ao desembarcar; fé de capitão!....

FERRUJO.

Peior he isto!.... Obrar eu huma acção tão indigna! tão cruel! e.....

D. BARBARO.

Oh! que he isto?!... Remorsos?!...

FERRUJO.

Quaes remorsos, quaes nada!... Não he isto..... Quem? eu! remorsos! eu! Ferrujo!... hum velho traficante de carne humana! Tenho tanto dessa fazenda, quanto meu Capitão tem d'aquella de que acaba agora de fallar.

D. BARBARO.

Qual?

FERRUJO.

Qual! Esta boa fé de que agora fallou, não a temos nós ambos deichado em Cadix antes de partir? !...

D. BARBARO

Sim, bem te entendo ; queres o dinheiro adiantado, não he?...

FERRUJO.

Bonito !.... Não ha melhor fiador.....

D. BARBARO.

Pois sim Recibe a metade agora (*elle abre a bolça e da-lhe dinheiro.*) O resto, t'o darei, quando me vir livre do importuno.

FERRUJO.

Agora sim. D'esta maneira obra quem quer ser bem servido Pode meu Capitão estar descaçado, ainda que o Diabo o metta a bordo, juro que.....

D. BARBARO.

Basta, meu Ferrujo, basta; certo estou de teu zelo.... Podes retirar-te ; mandarei chamar-te quando forem horas. Porém, onde estarás tu ?

FERRUJO.

Onde? Ora bem se deicha ver ; lá na taverna do negro gordo, que me vou delle despedir.

D. BARBARO.

Ob ! tens amigos bem escolhidos !

FERRUJO.

Não he Capitão ? ... Bem sabe Vm. como sou bom camarada, até logo- (*V. F.*)

SCENA XI.

D. BARBARO. (*Só.*)

Ora venhão agora os moralistas dizer-me que só na virtude. he que se pode achar a felicidade : alegre zombo dos seus argumentos, bém como de todos aquelles philanthropicos escriptores, que, com a barriga vasia, e a bolça mais magra que hum tísico, declamão em pomposas phrases, contra minha nobre profissão..... Sim, nobre; pois que melhor nobreza que aquella que dá o dinheiro ! Coberto como sou de crimes, porém com a bolça recheada de moedas de ouro, não vem por si só a belleza procurar meus braços?!... Quando eu chegar em Cadix, ninguem me virá perguntar o que tenho feito ; mas, logo que se espalhar a noticia que sou possuidor de mais de cem mil pesos, serei festejado por todos ; chamar-se-me-há o feliz e intrepido navegante; serei procurado para membro das mais escolhidas sociedades; minha alliança será ambicionada por mais de huma senhora de nobre linhagem ; os mais honrozos empregos virão á porfia se me offerecer; e até o proprio sacerdote me dará no Sanctuario o lugar mais honroso. Digo mais; o povo, aquelle mesmo povo hespanhol, tão cioso de seus direitos, que ha tantos annos, e com tanto denodo, pugna pela sua liberdade, não duvidará em deposital-a nas mãos do pirata feliz, do traficante de carne humana enriquecido Isto hé o fado hespanhol ; e queira Deos que não seja o universal..... Porém, vamos apromptar minhas mallas, que já se vai fazendo tarde. (*Entra á esquerda B.*)

SCENA XII.

THOMA'S. (*Só.*)

(*Elle vai sahindo com cautella da porta da E. A.*)

Que tenho ouvido ! meu Deos !... Que tecido horroroso de maldades!... Pois, além de roubar-lhe tudo quanto possue, sua esposa, seu ouro; queres ainda, infame e cobarde assassino, tirar-lhe a vida ! e achas homens bastante perversos para servirem-te de instrumentos. Ah ! meu Deos ! meu Deos ! entre que gente estou eu mettido !... Maldita seja a hora em que associei-me ao rancho de semelhantes barbaros !... (*Elle vem á frente da Scena.*) E vós nações cultas, que consentis que se cubra com vossas bandeiras tão nefando trafico : Vós cidadãos pacificos, que tranquillós no seio de vossas familias, emprgaes vossos cabedaes nas longiquas expedições da costa d' Africa ; vós emfim, agricultores e fabricantes, que anciosos esperaes, e fazeis mil votos para

a chegada destes infames traficantes; ah ! se soubesseis o que hoje sei, de certo que es-tremecerieis de horror.... Porém não ha de ser como o julga o infame. Meus ama-dos patricios, não sereis, ao menos hoje, victimas dos infernaes projectos do pirata; eu, sim, eu só, vos hei de salvar..... Meu Deos ! ouvi as préces de hum pobre ma-rujo; dai, meu Deos, a meu braço bastante força para resistir á iniquidade; e se morrer nesta santa e nobre empreza, acceitai, Senhor, meu sacrificio, em des-conta de minhas infinitas culpas..... Vamos já metter mãos a esta boa obra, (*Vai sahindo, e desce o panno.*)



ACTO TERCEIRO.

O theatro representa o interior da camara de hum navio. A' direita e á esquerda, diversas portas de camarotes. A' direita e á esquerda centro, duas largas escadas, que são suppostas irem dar acima do convés. No fundo, as janellas da pôpa, com o mar empolado a traz. No fundo e no meio, huma meza com papel, pennas, tinta, e instrumentos de marear. No meio huma alampada pendurada, e que se deverá accender no correr do acto. —Algumas cadeiras.

SCENA I.

ALFREDO E JULIA.

(Elles estão assentados juntos à mesa, Alfredo com roupa mudada, e Julia chupando huma laranja).

ALFREDO.

Sim, minha Julia ; nada melhor que o succo desta fructa bemfazeja para mitigar o enjão ... Então, não te achas melhor ?...

JULIA.

Sim, meu amado, sim ; vou recobrando, pouco em pouco, as forças, que o aspecto do perigo em que te achaste esta noite, me tinha totalmente roubado Ah ! se tivesses morrido, que teria sido da desventurada Julia ?

ALFREDO.

Nada foi, minha Julia, sómente tive susto, e o desgosto de sahir molhado; a pezar todavia que este marujo grosseiro, e sem geito, chamado Ferrujo, se me não engano, quasi que me affunde lançando-me desestradamente hum balde sobre a cabeça, querendo salvar-me.

JULIA.

Bem que se quiz apposar do croque grande, para socorrer-te mais depressa, porém o marujo portuguez nunca l'ho quiz consentir ; e gostei da dexteridade com que aquelle meu patricio, a pezar do furor das vagas, e da escuridão da noite, soubo passar-te a ponta curva deste ferro nos vestidos, e te salvar assim, sem offender-te. Emfim sempre he marujo portuguez.

ALFRÉDO.

E' verdade, se não fóra elle e aquelles dous mancebos francezes, que sem attender aos repetidos gritos de : Olha o tubarão ! lançarão-se a nado ; cuido que atnrdido da pancada do balde, eu teria sido levado pelo furor das ondas, e a impetuosa rapidez da corrente. Mas enfim estou salvo, e descansado por mais de quinze horas de somno tranquillo, estamos a bordo de hum bom navio, e fóra da vista dos ambiciosos inglezes.

JULIA.

Ambiciosos ? !..

ALFREDO.

Sim, minha Julia, chamo-os ambiciosos, porque, debaixo de huma fingida philanthropia, elles escondem o egoismo o mais refinado, e a ambição a mais desmedida...

Como elles não ignorão que a prosperidade das Americas, do Brasil sobre tudo, minha querida patria, póde algum dia vir a aniquillar o seu monopolio indiatico, suscitem-lhes todos os embaraços possiveis, ora favorecendo sorrateiramente as insurreições e a anarchia, e outr'ora, apostolos fingidos do gregorismo, erigindo-se, no mar, em protectores da liberdade dos africanos, sendo na Serra Leôa, seus mais crueis verdugos.... Pois que, minha Julia, aquelle mesmo povo, que accendeu o faxo revolucionario que por tantos annos devorou a triste França, que raivoso aguçou o machado convencional, que, rindo, vio cahir a cabeça do ultimo dos Capetos, que, pela mais vil e cobarde das traições, fez morrer esmirrado sobre hum rochedo, no meio do oceano, o maior dos guerreiros, que cobrio de ruinas e ainda devasta as margens do Ganges, que aniquilou a industria portugueza, que regou a Hespanha com o sangue castelhano, assoprando a discordia dos partidos ; tão sómente reservára toda a sua philanthropia para os grosseiros e brutaes habitantes da costa d'Africa ? ! ... Não, não minha Julia, não he humanidade, he egoismo..... Porém, fallemos de outra cousa. Não achas tu, no semblante d'aquelle bom marujo Thomás, alguma cousa desta franquesa, valor e bondade, com que se nos pintão os companheiros do immortal Vasco da Gama, e do grande D. João de Castro ?...

JULIA.

Oh ! sim.... Não sei se he por ser meu compatriota, mas tanto me agrada o seu semblante, quanto me horrorisa a cara d'aquelles dous fiéis de nosso capitão.....

ALFREDO.

Quem! Carranco e Ferrujo? !... Elles tem a cara de dous verdadeiros assassinos... Mas, fallando em Thomás; no momento em que agora desci, apertou-me a mão por diversas vezes, e disse-me em voz baixa: tenho que fallar-vos..... Que me quererá elle?!... Mas, ouço tropel na escada, talvez seja elle. (*Elle vai para a escada e volta.*) Não, he o capitão. (*Desce D. Barbaro pela escada esquerda com o oitante na mão.*)

SCENA II.

ALFREDO, JULIA, E D. BARBARO.

D. BARBARO (*a Alfredo.*)

Então Sur., como vamos do susto?

ALFREDO.

Obrigado, capitão, sinto-me muito bom, e cheio do prazer de me achar escapo dos inglezes, e reunido á minha querida esposa.

D. BARBARO.

Estes marujos são tão brutos, tão desestrados..... que....

JULIA.

E o mar tambem estava tão agitado.....

D. BARBARO.

He verdade.... Porém vós, Senhorita, como vamos de enjoo?

JULIA.

Tenho ainda a cabeça muito tonta; e de vez em quando nauseas terriveis, acompanhadas de dores assaz fortes na região do estomago, e....

D. BARBARO.

Será bom ir lá em cima do convés, respirar o ar puro, pelo tempo que vou calcular nossa derrota. (*Os jovens vão para sahir.*) Dizei lá em cima ao cosinheiro, que me venha fallar. Quero mandar preparar-vos uma bebida que, n'hum instante vos ha de curar; uma sorte de chá de marujo; logo que elle esteja prompto, vos heí de mandar chamar.

ALFREDO.

Obrigado Capitão. (*vão-se pela escada esquerda.*)

SCENA III

D. BARBARO (*Só, e depois*) PIMENTÃO.

D. BARBARO. (*depois de olhar ao redor.*)

Meu projecto abortou, ou antes foi adiado, pela tola compaixão d'aquelle bestalhão de Thomás..... Bem feito! Quem me mandou metter a bordo marujos estrangeiros, e peor hum pouco, marujos portuguezes?!... Elles são optimos marinheiros, he verdade, porém cabeçudos, e eu quero huma cega obediencia. Elles são corajosos no perigo, porém cobardes em presença de qualquer crimesinho de bagatella; como se nossa profissão não reclamasse os mais destemidos facinorosos!... Emfim, se elle se não emendar, o mandarei desembarcar na ilha deserta d'Ascensão, por onde dirijo-me por certos motivos, que eu cá sei Porém vamos apontar minha derrota. (*Elle abre hum compasso, e vai apontando o mappa.*) Nunca mais me embarco sem outro piloto comigo, que aquelles imbecis de Ferrujo e Carranco, apenas sabem servir-se do oitante... Porém não, ... está bem assim..... Elles tambem tem outros prestimos.: (*Elle fica ainda um instante apontando o mappa, e depois toca uma campainha; accode o moço.*) Dize ao cosinheiro que venha cá (*Vai-se o moço. Elle continua a apontar o mappa, até que desce o cosinheiro pela escada esquerda.*) Os passageiros não te disserão que me viesses fallar?

PIMENTÃO.

Sim Capitão! Porém.

D. BARBARO.

Calla-te, Pimentão, e vai já apromptar-me hum bule d'agua fervente para chá, e logo que estiver prompto, tragam'o para baixo com o aparelho..... estás entendido? Vai-te. (*Vai-se Pimentão pela escada direita; D. Barbaro continua a apontar o mappa.*) Estamos, se me não engano, por sete grãos trinta minutos de latitude Sul, e sete grãos, vinte e cinco minutos de longitude occidental. Tendo sempre bom vento, antes de dous ou tres dias, estou com a ilha da Ascenção, e ... Mas ali vem meus passageiros; já! e sem tøl-os mandado chamar! que será?!... Vejamos. (*Desce Julia e Alfredo pela escada direita.*)

SCENA IV.

ALFREDO, JULIA, D. BARBARO.

JULIA (*Caindo de joelhos aos pés do capitão.*)

Snr. capitão, venho pedir-vos huma graça!

D. BARBARO (*Levantando-a.*)

Que fazeis Senhora! a meus pés! quando sou quem deveria prostrar-me perante tanta belleza, e tanta virtude!... (*Elle acaba de levantar-a.*) Fallai, fallai Senhora; que desejaes de mim?

ALFREDO.

Não deveis ter esquecido, Snr. capitão, os funestos acontecimentos que já vos relatei, e que condusirão-nos a bordo de vosso navio; o nome de Coréb, deste generoso africano a quem devemos a vida, e a honra, mil vezes mais preciosa do que a vida, terá soado agradavelmente a vossos ouvidos, e seu sublime sacrificio, não terá deixado de excitar vossa admiração. e de commover a sensibilidade de vosso generoso coração.

D. BARBARO.

Sem duvida. Continuai.

ALFREDO.

Pois, este bom e digno amigo dos brancos, victima da cruel vingança de seu feroz irmão acha-se entre aquelles desgraçados captivos, que jazem empilhados no porão de vosso navio.

D. BARBARO.

Estaes bem certificados disto?

JULIA.

Se estamos certos? ! E onde nos aparecerá Ceréb, que o não conheçamos? !... Já lhe fallámos, já o apertámos saudosos em nossos braços, e fiados na vossa generosidade, ousei affiançar-lhe a liberdade.

D. BARBARO.

Mas, Senhora, elle he filho e irmão de rei, pode-se esperar algum dia por elle hum importante resgate. Este negro vale quinhentos pesos, e bem vedes

ALFREDO.

Quinhentos pesos ! Sua liberdade, para nós, vale mais que hum milhão. Capitão, já neste momento, estamos promptos a pagar-vos sua liberdade.

D. BARBARO.

Nunca tive o costume de passar carta de alforria a hum escravo, sem ver previamente o dinheiro na mesa.

JULIA.

O recebereis, apenas chegados no Rio-de-Janeiro.

D. BARBARO.

Apenas chegados, passarei-lhe tambem a carta de alforria.

ALFREDO.

Porém, Snr. , o desejamos livre desde já.

D. BARBARO.

Isto não póde ser ; alem de que, pintaste-mo como o modêlo da coragem : solto a bordo, póde tornar-se perigoso.

ALFREDO.

Se he o modêlo da coragem, elle o he tambem da honra e da virtude Emfim por elle respondemos ; ambos o affiaçamos.

D. BARBARO.

E quem será o fiador ?

ALFREDO.

E o nosso ouro que tendes em vossas mãos?

D. BARBARO.

Mas, este acha-se já empenhado.

ALFREDO.

Eu vos entendo ; quereis outro bilhete.

D. BARBARO.

Sim. . . . Não que desconfie de vossa palavra, porém ha viver e morrer.

ALFREDO!

Isto não seja a duvida ; dai-me o papel. (*D. Barbaro lh'o dá, e elle escreve.*)
Tomai será assim?

D. BARBARO (*depois de olhar.*)

Sim.

ALFREDO.

Agora, a carta de liberdade?

D. BARBARO.

Bastará o escripto de venda ; o favor, vós lh'o fareis. (*Elle escreve, e por este tempo os dous jovens se felicitão mutuamente em pantomima.*) Tomai, levai esta ordem a Carranco, que o vai mandar soltar; e lembrai-vos bem, que me respondeis por tudo quanto possa acontecer

ALFREDO (*depois de huma curta reflexão.*)

Capitão, dai-me de novo o papel da obrigação. (*Este lh'o dá, e elle escreve em*

cima.) Lêde : mais duzentos pesos por sua passagem; pois o queremos junto de nós, nesta camara.

D. BARBARO.

Pois sim Ide, ide de pressa libertal-o. (*Os jovens vão-se na carreira por huma das escadas.*)

SCENA V.

D. BARBARO (*só, e depois*) PIMENTÃO E CARRANCO.

D. BARBARO (*só.*)

Sim, vai, vai joven imprudente, que te fias tão facilmente de hum traficante de carne humana ! a hora não ha de tardar, em que me hei de ver livre de ti, com tua esposa em meus braços, e teu amigo nos ferros Mas he tempo de cumprir os meus designios- (*Elle toca a campainha, apparece hum moço*). Vai dizer ao cosinheiro que traga o chá que lhe mandei fazer. (*O moço corteja e vai-se.*) Vejamos agora o bote d'aquellas folhas seccas, de que os mortiferos efeitos me são já conhecidos (*Rindo sardonicamente.*) foi a unica parte da botanica destas costas que me dei o trabalho de estudar; e o mais he, que vendi o pobre tolo do negro que m'a ensinou. (*Elle entra no seu camarote E. B. e volta com hum bote de folhas seccas que abre e chega ao nariz.*) Tem o proprio cheiro do chá, e quasi a mesma folha. (*Chega o cosinheiro trazendo huma bandeja, com os preparos para o chá.*)

PIMENTÃO.

Aqui tendes, Capitão.

D. BARBARO

Bem Que ha de novo lá por cima ?

PIMENTÃO.

Nada, tão sómente huma vela a barlavento, que mestre Carranco está examinando com o oculo.

D. BARBARO.

Deixal-a estar Dize lá a Carranco que deite todo o panno fóra, e faça prôa de nor-nordeste, até seguuda ordem minha.

PIMENTÃO

Sim, Capitão. (*Vai para sahir.*)

D. BARBARO

Espera..... Dize lá aos passageiros que venhão tomar chá. (*Vai-se Pimentão pela escada direita.*)

D. BARBARO (*tomando huma porção das folhas.*)

Basta isto para matar dez homens, (*elle a deita no bule.*) Bem ... Em quanto ao nome do chá que dei a esta sinistra bebida, he porque sei que a senhorita, tem-lhe antipathia completa; e em todo o caso... conheço o contra veneno. (*Desce Carranco na carreira, e muito agitado, pela escada direita.*)

CARRANCO.

Capitão! estamos perdidos!

D. BARBARO.

Perdidos?! E como?!....

CARRANCO.

A corveta ingleza que vem em cima de nós.

D. BARBARO

Viste bem!

CARRANCO.

Ora! ora! tenho-a reconhecido, como eu vos reconheço. Ella vai nos tomando cada vez mais a barlavento, e pelas suas manobras he facil conheer que nos quer capturar.

D. BARBARO.

Maldição! vamos (*Elle fecha com tanta precipitação o bote, que cahem algumas folhas na mesa e no chão. Elle o lança depois no seu camarote, mas não acertando com a porta, o bote cahe no chão. Sem nada perceber disto, elle sobe na carreira pela escada esquerda, e no mesmo instante descem pela direita, Alfredo e Julia, seguidos por Coreb embrulhado n'hum panno da costa.*)

SCENA VI.

ALFREDO, JULIA, COREB (*e depois*) THOMAS.

ALFREDO.

Não, minha querida Julia, apesar de tua repugancia, toma sempre huma chavana

que te fará bem, e talvez calme teu espirito agitado, sem motivo, pela apparição do navio.

JULIA.

Pois bem, para faser-te a vontade, tomarei sempre dous goles; e vós, Coréb, deveis necessitar de hum confortativo; tomareis o vosso com um pouco de espirito.

COREB.

Eu agradeço, Senhora; não bebo nem huma nem outra cousa.

JULIA.

Pois então, comereis alguns biscoutos, e mandaremos pedir vinho. *(Pelo teupo que ella vai servindo o chá, Coréb examiua tanto algumas folhas que vão cahindo nas chicanas, como as que tem cahido na mesa; e no momento em que Alfredo e Julia vão a beber, elle os detem, disendo.)*

COREB.

Suspendei, não bebaes!... Este chá he mortal; esta folha he venenosa! Estamos perdidos! O malvado quer attentar a vossos dias! Estamos perdidos!

ALFREDO *(achando o bote no chão.)*

Olhai! olhai a prova do crime! *(Todos ficão petrificados de horror. Desce Thomás na carreira, pela escada esquerda.)*

THOMA'S *(agitadissimo.)*

Traição, Snr. Alfredo, traição! *(Elle vai para derrubar o aparelho do chá, Alfredo o impede.)* não bebaes este chá!...

ALFREDO.

E por que, Thomás?

THOMA'S.

Por que?... porque se o beberdes, estaes todos mortos... Escutai-me: quando o capitão subio acima com o bom de nosso contramestre, ouvi distinctamente o que lhe dizia ao ouvido: quem! elles nos trahir! dizia elle, com semblante de tigre, d'aqui

a dez minutos, elles estarão no outro mundo !... Envenenei-os no chá, e para não vermos esta nojenta tragedia, vamos lá na gávea examinar aquelle gavião.

ALFREDO.

Bem ; graças a nosso bom amigo (*Mostrando Coréb.*) já estávamos acautelados.... Porém, pode o capitão desconfiar.... Torna para cima, pelo tempo que vamos avisar aos meios de salvarmo-nos do perigo que nos ameaça.

THOMA'S.

Não tenhaes receio ; os dous marnjos francezes, que muito se dão comigo, ficarão de avisar-me por hum assobio. Entre tanto, perdoai-me ; sou hum velho lobo marinho, a quem nada escapa... Dão-me licença. (*Elle torna a deitar a metade do chá das chicaras no bule, e lança o resto pelas portinholas da pôpa.*) Agora sim... Elle pensará que bebestes pouco... V. m. , Snr. Alfredo, assim como minha Senhora, fingir-vos-heis ambos muito doentes; o Snr. Alfredo subirá lá em cima, fingindo que procura o ar, e affectando ancias mortaes. A Senhora deitar-se-há no seu camarote, onde ficará gemendo, e imitando huma moribunda que exala os ultimos suspiros. (*A Coréb.*) E tu, paisinho, não terás nada; pois bem se sabe que negro não toma chá com seus senhores brancos.

ALFREDO.

Mas, Julia assim só, com esse monstro !...

THOMA'S.

Aqui tendes o remedio contra essa qualidade de veneno ; (*Elle pucha do quarto uma faca que dá á Julia.*) tomai, e Ella foi feita em Lisboa... Entretanto o navio se aproxima, elle he inglez... Vou lá em cima trabalhar á nossa salvação... Adeos ! constancia, coragem, e resolução. (*Vai-se com Coréb, pela escada direita.*)

ALFREDO (*abraçando Julia.*)

Julia, minha esposa, á vida, e á morte ! (*Vai-se.*)

JULIA (*Só, olhando para o punhal.*)

Sim, este ferro portuguez, dado por hum portuguez, deve hoje embeber-se no meu

sangue, ou traspassar o coração do infame. (*Ella mette a faca na bainha, e a esconde no seio. Deita-se depois no seu camarote, gemendo e fingindo ancias. — Descem D. Barbaro e Carranco pela escada esquerda.*)

SCENA VII.

D. BARBARO, CARRANCO, E JULIA (*no camarote.*)

D. BARBARO, (*em voz baixa indo ver o bule.*)

Pouco beberão, porém basta-lhes... uão podem escapar... Oh!... o preto não bebeu!... Melhor!... São duzentos pesos mais na minha algibeira. (*Chegando-se ao camarote de Julia.*) Sentis vos muito doente, Senhora?...

JULIA (*com voz moribunda.*)

Oh! sim... (*Vai escurecendo e vindo a noite.*)

D. BARBARO.

Este chá estaria por acaso envenenado por aquelles perfidos africanos! Quereis tomar algum antidoto?...

JULIA (*fazendo com a mão signal que não.*)

Hum padre!... (*o moço vem accender a lampada.*)

D. BARBARO.

Ella delira! he a morte... deixèmo-la em paz. (*Elle attrahe Carranco ao outro lado do theatro.*) Carranco, he já de noite. Vai là em cima, .., manda apagar a bitacula, occupa toda a gente a molhar o panno, furta o rumo, e veràs como ao amanhecer o gavião terá desaparecido.

CARRANCO.

Vou, capitão, podeis estar tranquillo. (*Vai-se.*)

SCENA VIII.

D. BARBARO, E JULIA (*no camarote.*)

JULIA (*com voz commovida.*)

Hum padre!... Pelo amor de Deos!...

D. BARBAEO (*com riso sardonico.*)

Hum padre !... aqui !... a bordo do navio de hum traficante de escravos ! Se houvesse sacerdote tão vil, bem poderia ir dizer missa lá no inferno (*Ouvem-se gemidos e soluços de Julia.*) Ella geme... he o cyro da ultima agonia ! E desta sorte vou perder o mais doce fructo de tantos trabalhos, de tantos crimes ? !... Não, não !... Ella ainda respira ; ainda posso. . . . porém. . . . isto he horrivel, infame !... Mas, não tens tu, D. Barbaro, perpetrado mais horrendos crimes ? !... Póde por acaso o remorso amollecere ou atemorizar a alma ferrea de hum traficante de carne humana ? !... Seu esposo não póde tardar a exalar o ultimo suspiro.... Vamos.... (*Elle avança para Julia, e pára de repente como espantado por huma apparição sobrenatural.*) Mas, que medonho espectro se apresenta defendendo este camarote !... (*Procurando recobrar animo.*) Qual !... São illusões fantasticas de minha imaginação abalada ainda por restos de huma educação fanatica.... Vamos !.... (*Elle avança de novamente para o camarote de Julia. No mesmo momento, ouve-se no longe hum tiro de peça, huma bala atravessa o theatro, e vem cair na direita baixa.*) Que he isto ! (*Elle corre precipitadamente para a escada esquerda, encontra Alfredo que vai descendo cambaleando, derruba-o, e pisa-lhe no pescoço, dizendo:—Morro! — e desaparece pela escada esquerda.*)

SCENA IX.

ALFREDO E JULIA.

ALFREDO. (*Elle levanta-se vivamente, e depois de olhar ao redor de si, corre para Julia que sahe de seu camarote.*) Minha Julia? o monstro parece estar, n'huma agitação horrivel. Dize-me, elle attentaria

JULIA.

O infame, depois de pronunciar horrendas blasfemias, e infernaes imprecações, já se dirigia para mim que julgava moribunda ; em seus olhos diabolicos scintillava o fogo da mais infame lubricidade. Eu, depois de encommendar-me ao Deos protector da innocencia, o observava, com este ferro na mão, determinada, se elle se atrevesse a tocar-me, a lh'o embeber no peito e é ao cabo, quando hum horrivel ruido, que julguei, no primeiro instante, ser hum raio da celeste vingança, veio salvar-me. O terror, e a cobardia, tomarão instantaneamente na sua alma immunda, o lugar do fo-

go lascivo que o abrasava, e deixando-me entregue ao horror, elle, semelhante á vibora peçonhenta, que, ao ruido do incauto viajante, se lança fóra de sua tóca para o picar ; ancioso e tremulo, correu a informar-se da causa d'aquelle estranho rumor, e..

ALFREDO.

Não te assustes, querida esposa, o momento de nossa salvação se approxima. O navio que nos persegue já se vai chegando. Elle já mandou collocar hum pharol na extremidade da verga grande, em signal que o esperassemos, e como não foi obedecido, deu-nos hum tiro, cuja balla atravessou esta camara, e que, salvando-te, tanto te assustou... Mas, ouço voltar o capitão, continuemos em nosso terrivel papel; que elle nos julgue quasi expirados. (*Elles se vão metter cada hum no seu camarote, fingindo o ultimo cyro da morte.*)

SCENA X.

OS PRECEDENTES, (*nos seus camarotes*) D. BARBARO, CARRANCO,

FERRUJO, THOMA'S E MARUJOS.

D. BARBARO.

O demonio do inglez he de marcha superior á nossa. Mandeí largar as escôtas, e fugir vento em pôpa, para approximar-me da costa; porém o diabo de goddème nos está ganhando a cada instante, e antes de amanhecer estará com nosco. Por isso, nobres e destemidos companheiros, ajuntei-vos aqui em conselho, para avisar-mos aos meios de escapar, se for possivel, ao perigo que nos ameaça; pois julgo que nenhum de vós tem vontade de ir visitar a Serra Leôa, e muito menos eu, a quem occorrem mais algumas circumstancias agravantes. Por tanto, como vosso capitão, vosso chefe, devo dar primeiro meu voto, que he o seguinte : Devemos já, quanto antes, lançar ao mar todos os objectos e utencilios que possam denotar nosso trafico.

TODOS (*menos Thomás e os dous francezes.*)

Apoiado

CARRANCO.

E os bicudos ?

D. BARBARO.

Os negros ? Amarrar-se-hão a cada hum os pés e as mãos, e os lançaremos ao mar.

TODOS (*Menos os tres ditos.*)

Bravo ! bravo !

THOMA'S.

Mas, isso he horrivel, Capitão ! . . .

D. BARBARO.

He porém necessario, cobarde portuguez.

FERRUJO.

Capitão, tudo isto está muito bom; porém, a corveta ingleza vem em nossas aguas muitos d'estes malditos são capazes de nadarem ainda com os pés e mãos amarrados ; e, hum só que elles achão, podeis advinhar a sorte que nos espera, pois elles trazem linguas a bordo ; por tanto, sou de opinião que, antes de lançal-os ao mar, seja cada hum primeiramente sangrado com huma boa punhalada.

TODOS (*Menos os tres ditos.*)

Sim, sim, apunhalados previamente ! ! . . .

CARRANCO.

Apoiado ! e sou eu que me encarrego da sangria, pois já fui carniceiro, e conheço bem o lugar.

THOMA'S.

E o negro Coréb ? aquelle a que o Sr. Capitão concedeo a liberdade?

D. BARBARO.

Aquelle, he differente; elle falla portuguez, he ladino, podemos mettel-o em nosso segredo.

CARRANCO E FERRUJO.

Que dizeis, Capitão ! (*Alfredo no camarote dá demonstração da maior indignação.*)

CARRANCO.

Por isso mesmo que sabe fallar portuguez, he que deve ser dos primeiros sacrificados Que pensaes disto, camaradas ?

TODOS (*Menos os tres já fallados, que conversão baixo entre si.*)

Não ha nada mais justo. (*Alfredo vai para lançar-se; mas, Thomás, que tem passado do lado de seu camarote o impede, e lhe diz em voz baixa.*)

THOMÁS

Se fallardes, estamos perdidos! Callai-vos, olhai debaixo de vosso colchão, e logo que sairmos, vinde lá em cima ajudar-nos.

D. BARBARO (*que se tinha apartado um tanto para reflectir volta-se e diz.*)

Pois sim, sejam todos sacrificados!... (*Ouve-se hum tiro de peça, mais perto que o primeiro, e huma forte pancada no corpo do navio.*) Que é isto?!... Vai ver Ferrujo! (*Pimentão desce na carreira.*)

PIMENTÃO.

Capitão; Estamos perdidos! o tiro que n'este instante ouvistes, arreventou o leme, e o brigue não governa mais.....

TODOS (*Menos os tres já fallados.*)

Misericordia!...

D. BARBARO.

Que é isto, cobardes. (*ouve-se outro tiro no longe.*) Attira, attira, Goddême do Diabo!... Não tem nada! Vão todos já para cima. Tu, Ferrujo, arranja depressa um leme de reboque, com a verga grande que temos de recambio; (*Ouve-se outro tiro.*) Vai atirando maldito, vai, que o mar hé largo! Tu, Carranco, vai já principiar a execução da sentença do conselho.... Vou pôr em ordem meus papeis, e já vos sigo. (*Todos vão-se — Elle accende uma vela e entra no seu camarote — No mesmo instante, Alfredo, depois de tirar debaixo de seu colchão uma espada que ali se acha, sahe de pontas de pés, e diz no meio da scéna.*)

ALFREDO.

O salvar, ou morrer! (*Vai-se com cautella pela escada direita — Momento de silencio... Sahe D. Barbaro de seu camarote.*)

SCENA XI.

D. BARBARO, JULIA, (*nocamarote*)

D. BARBARO.

Ora muito bem, estão todos os meus papeis em boa ordem ; avoados os bicudos, pode o Snr. inglieho vir quando quizer, e faser todas as pesquisas que lhe parecer, que o desafio de achar-me em flagrante..... Porém, aquelles dous passageiros tardão muito a morrer!..... Elles, assim como o Thomás, me podem perder..... Para o marujo portuguez..... esta pistola (*Elle a pucha d'algibeira, e torna a guardal-a.*) Os dous outros estão agonisantes..... Vamos primeiro ao macaquinho! (*Elle apalpa no camarote de Alfredo, e não o achando diz.*) Ah! he verdade; parece-me que ficou lá em cima... Será para logo. E sua bella espoza agora..... Ella está ali!.. Ainda há poucos instantes ouvi-a gemer!.. Ella deve ainda respirar..... Oh! inferno! corrobora o coração do pirata!... que no meio dos maiores perigos, rodeiado de crimes, nadando em sangue, sinta elle ainda os ardores do fogo da concupiscencia! Sim..... ainda este crime! Que meus labios ardentes recebem sua alma prompta a exalar-se..... e depois..... (*Elle pucha o punhal da bainha,*) a ponta he bem aguda (*Torna a mettel-o na bainha.*) Mas, para que?..... Bastarão as mãos (*Elle vai para o camarote de Julia, quando ouvem-se tiros e estrepito de armas; elle fica petrificado.*) Que é isto? (*Desce Pimentão na carreira pela escada direita*)

SCENA XII.

D. BARBARO, PIMENTÃO.

PIMENTÃO (*Muito perturbado.*)

Snr. Capitão! .. Snr. Capitão! accodi Snr. Capitão, accodi!

D. BARBARO.

Que é isto?! que ha de novo ainda?!.. Explica-te!

PIMENTÃO. (*Todo palpitante.*)

Tudo já estava arranjado, o brigue governava menos mal, seis milhas por hora ... Já mestre Carranco tinha mandado lançar no mar todos os utencilios, marmitas,

caldeirões, baldes, enfim todos os aviamentos do trafico ; já, agarrando o negro Coreb, elle ia lhe fazer a barba, o primeiro, por honra ; pois que em qualidade de principe

D. BARBO.

Anda fallador ! (*Pelo tempo desta conversa, Julia sahe, de pontas de pé, de seu camarote, com o punhal n'uma mão, e se vai esconder no junto da escada direita.*)

PIMENTÃO.

Sim Snr., Snr. Capitão Como eu ia dizendo; mestre Carranco o ia sangrar, quando de repente, aquelle mancebo..... aquelle não sei como hei de chamal-o ? ! ...

D. BARBARO. (*Mettendo-lhe a pistola na cara.*)

Fallarás enfim maldito !

PIMENTÃO. (*Tremendo.*)

O passageiro, Snr. Capitão, aquelle que cuidavamos defunto

D. BARBARO. (*Com muita impaciencia.*)

Que fez elle ? ! que fez elle, excommungado ? ! . . .

PIMENTÃO. (*Tremendo cada vez mais.*)

O que elle fez ? ! o que elle fez ? ! ... Com a espada na mão , e com braço de ferro, cahio sobre o contra mestre, que ferio... que ferio gravemente no braço direito, pelo tempo que aquelle outro hypocrita, o portuguez, Thomás em fim , depois de derrubar morto o homem do leme, cortou os cabos que seguravão a verga, que lá se foi com os diabos, e ficou o brigue sem governar ... O negro tambem, que não deixa de ser algum portuguez encantado, appossou-se do alfange do sacrificio, e lá em cima está travada uma terrivel peleja, que não sei como acabará, pois os dous malditos francezes, armados tambem cada um com pé de cabra, se reunirão a elles ... Vinde por tanto Capitão, vinde, senão tudo está perdido ! ...

D. BARBARO.

Sim, já vou ; temos ainda a vantagem do numero, e os malvados não tardarão a conhecer o peso de meu braço. Vai, e toma lá esta pistola ; o primeiro tiro para o passageiro, ouviste, não te esqueças. (*Vai-se Pimentão escada direita.*)

SCENA XIII.

D. BARBARO, JULIA, ALFREDO, THOMA'S, COREB, CARRANCO, FERRUJO, MARUJOS, e no fim, OFFICIAL E SOLDADOS INGLEZES.

D. BARBARO.

(Com o punhal na mão, chega-se ao camarote onde julga que ainda se acha Julia, e diz.) Nada de inimigos para traz !... (Elle dá uma forte punhalada, e não achando senão o colchão, diz cheio de furor,) Maldição ! Ella me fugio! porém, onde irá ella, que me escape ? !... Inferno, ajuda-me !... Voemos. (Elle vai subindo a escada, mas apenas tem elle posto o pé sobre o primeiro degráo, que Julia sahindo muito de leve, mas com rapidez, do camarote onde estava escondida, lhe crava o punhal no meio das costas, dizendo com voz forte.)

JULIA.

Morre infame !....

D. BARBARO (Cahindo de costas, e banhado em sangue.)

Maldição ! Inferno ! Ah !... (Elle debate-se lutando contra a morte)

JULIA (Subindo pela escada esquerda.)

Victoria ! Victoria ! Portuguezes !... Coragem ! (Ella recua, e retira-se á frente esquerda da scena, avistando Ferrujo e Carranco que descem a escada, perseguidos por Alfredo e Coréb, e pela outra escada Pimentão e outros marujos perseguidos por Thomás e os dous francezes. Pimentão, tremendo como huma vara verde, refugia-se na extrema direita baixa.)

CARRANCO (todo coberto de sangue.)

Capitão ! Capitão ! (Avista D. Barbaro.) Ah ! que vejo ?!...

THOMA'S (que tem deixado Pimentão.)

Veja mais isto ! Elle da-lhe huma estocada e o estende morto a seus pés— O combate continúa, os cinco amigos contra Ferrujo e os outros marujos hespanhões, quando de repente ouve-se hum grande tropel por cima; descem pelas duas escu das alguns soldados, e hum official inglez.)

OFFICIAL.

Deponde as armas !..., (*Alfredo e os seus cessão o combate.*)

FERRUJO.

Hum pirata hespanhol, morre, sim, mas nunca se entrega. (*Elle se arroja para o official inglez que lhe dispara huma pistôla e o estende morto; elle vai cahir junto a D. Barbaro.*)

OFFICIAL.

Qual he o capitão deste brigue ?... (*todos apontão para D. Barbaro, que dá signal de vida.*)

D. BARBARO (*erguendo-se um tanto.*)

Sim, sou eu senhor.... he este desgraçado.... que coberto de infamia, e devorado por crueis, mas tardios remorsos... vai justamente terminar por uma horrivel morte, huma vida toda consagrada a ser o flagello da humanidade, e a perpetrar os mais atrozes e horrendos crimes. (*Depois de um instante de silencio.*) Máo filho... pessimo cidadão... religioso apostata... soldado desertor.... commerciante usurario e desleal... pirata audacioso e cruel... faltava-me ser infame traficante de carne humana... e terminar uma tão odiosa carreira... morrendo... da mão.... de huma mulher... que, na minha maldade... tinha projectado... sacrificar ás minhas vergonhosas paixões. (*Depois de descansar hum pouco, elle olha ao redor de si, e mostrando Alfredo.*) Este mancebo... Alfredo he seu nome... confiou-se em mim... Infame!... roubei-lhe artificiosamente... seu ouro... e tinha formado... o projecto sanguinario... de assassinal-o... para roubar-lhe... tambem sua virtuozza espoza... Em quanto a seu ouro... o achareis intacto... em um fundo falso de minha papelreira... com outros papeis interessantes.... Elle, e podeis accreditar as palavras de hum moribundo... era tão sommente... meu passageiro,... e parte nenhuma tinha... no meu infame trafico.... A sua companheira... Oh! Senhor official!... a sna companheira... he hum anjo de virtude.... Ella deu-me a morte.... Satanaz tambem.... cahio debaixo do braço de hum anjo... e eu Snr.... eu, sou mais infame.... Oh! Sim.... mil vezes mais infame que Satanaz ! !... (*Depois de huma pequena pausa.*) Aquelle Africano que lá vedes (*Coréb*) he o prototipo da generosidade.... Este marujo... que me está olhando... com semblante tão triste (*elle aponta Thomás*) he portuguez... não faz parte de minha equipagem... tinha-o recebido por piedade... e jurado-lhe a morte, por castigo de sua virtude. Estes outros... que jazem a meu lado, são os infames cúmplices.... de minhas atrocidades. Elles, já receberão.

o justo castigo de sua malvadeza.... E eu,.. eu sinto o fim proximo de minha execranda existencia.... Momento horrivel ! pois que, nem sequer... minhas crueis angustias... tem por alivio... este commum refugio do desgraçado... a esperanza... na misericordia de um Deos!... Ouço a voz accusadora... das duzentas e trinta victimas que... ainda agora... quiz sacrificar... á minha segurança... que clama vingança, por seu sangue... que tinha barbaro e injustamente... mandado derramar... A natureza... tem-me expellida de seu seio!.. A humanidade... contempla em mim... com espanto... um monstro horrendo!... A religião me desampara!... Deos irritado me reprova!... (*Com transportes de hum infernal delirio, os olhos horrivelmente espantados, a bocca escumante, e as feições medonhas.*) Ah!... Sois vós, ministros do anjo das trevas.. que em meus freneticos furores tantas vezes evoquei?!... Vinde! Sim, vinde genios infernaes!... Em vossas mãos entrego meu immundo espirito!... Appressai-vos !... levai, levai para o mais profundo abysmo do inferno... a alma impura e atroz do pirata, do traficante de carne humana!... Ai! Ai!.. he ella... he a morte! (*Elle cahe de costas e enteriçando-se, expira.*)

OFFICIAL.

As revelações deste homem, no momento de expirar, provão-me que tenho perante os olhos huns innocentes opprimidos, e huns culpados oppressores. A vingança de Deos ja tem castigado os mais criminosos, resta á justiça dos homens o pesar as acções dos outros. (*Elle faz signal aos soldados, que agarrão immediatamente os marujos hespanhoes, excepto Pimentão, que fica sempre na frente baixa directu, tremendo como uma vara verde.*) Snr. Alfredo, e vós, amavel senhora, vireis na companhia deste generoso Africano, e daquelle bom marujo portuguez, junto com os seus dous companheiros, de que o semblante me annuncia a innocencia; vireis, digo, (pois que não posso duvidar das ultimas palavras de hum moribundo que se accusa) vireis todos comigo a bordo da corveta; a historia de vossas desgraças, de que este infeliz (*mostrando o cadaver de D. Barbaro*) acaba de fazer hum tão melancolico esboço, interessará o nosso digno commandante, e recebereis da nação britannica todos os soccorros devidos á virtude desditosa, ao mesmo tempo que o crime atroz receberá o seu juste castigo. (*Desce o panno.*)

FIM.



Vol CXXIII, 5

Departamento de Imprensa e Propaganda

Divisão de Cinema e Teatro

N.º _____

Registro _____

TITULO DA PEÇA " O SOLDADO BRASILEIRO "

AUTOR UBALDINO DO AMARAL

GENERO D R A M A ATOS 4 QUADROS _____

TRADUTOR _____

ADAPTAÇÃO DE _____

REQUERENTE _____

COMPANHIA _____

TEATRO _____

AO CENSOR ELOY CORDEIRO

Entrada em <u>2</u> de _____ de 19 <u>42</u>
Registro n.º _____ Livro _____ Pag. _____
Cert. n.º _____
Decisão da Censura <u>I N T E R D I T A D A</u>
Taxa (normal) _____ (emergencia) _____
<i>Felicia Patrícia de Luna</i> Funcionario

RECEBI EM _____ de _____ de 19 _____

DEVOLVI EM _____ de _____ de 19 _____

O CENSOR